



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMOS
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

BRUNO HASSAN SANTOS PALMEIRA

**SÓ VÊ QUEM ENXERGA?
CONTRIBUIÇÕES DE PESSOAS LGBT+ COM CEGUEIRA
CONGÊNITA PARA A COMPREENSÃO DO DESEJO EM SALVADOR,
BAHIA**

**Salvador
2022**

BRUNO HASSAN SANTOS PALMEIRA

**SÓ VÊ QUEM ENXERGA?
CONTRIBUIÇÕES DE PESSOAS LGBT+ COM CEGUEIRA
CONGÊNITA PARA A COMPREENSÃO DO DESEJO
AFETIVO-SEXUAL EM SALVADOR, BAHIA**

Monografia apresentada ao Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, Departamento de Gênero e Feminismos, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade.
Orientadora Profa. Dra. Caroline Barreto de Lima

Salvador
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente seria impossível não agradecer ao meu maior exemplo, que é a minha mãe, Nágera Simone, minha outra metade, que, através da educação e do amor, vem me ensinando a ser uma pessoa melhor, sem ela, nada seria. Mas não menos importante, gostaria de agradecer a minha tia Naiá, que, ao me receber em sua casa num momento de confusão, estendeu sua mão e foi à única familiar a me incentivar a largar o curso de engenharia e seguir estudando gênero. O meu irmão Pedro, que sempre espelhei, carrega um pedaço da minha vitória. Agradeço demais a Jamil, por aguentar todas minhas paranoias, me dando força e amor para seguir, sempre mostrando que eu sou capaz e nunca me deixando desistir.

À Bruna Menezes, desejo todo amor do mundo. Colega, companheira, amiga e irmã, desde o primeiro semestre ao meu lado, também me dando muita força. Mas quero agradecer também a Igor Leonardo, um irmão que Oxóssi me deu, que há muito tempo não me deixa fraquejar, sempre me lembrando de que somos herdeiros da coroa e que devemos nos portar como reis. Gratidão que não tem fim por você, que um dia eu possa retribuir tudo! A minha orientadora, Carol Barreto, o maior dos agradecimentos, por trabalhar em consonância e pacientemente comigo. Por último e mais importante, eu agradeço ao axé do Ilê Axé Obá Nire, e ao meu babalorixá José Raimundo, que me recebeu de portas abertas, um desconhecido e que fortalece meu ori diariamente, agradeço a paciência, sabedoria e amor! Oxóssi é meu caçador e nada me faltará! Adupé!

RESUMO

Esta pesquisa traz reflexões sobre as maneiras como as pessoas cegas LGBT+ da Bahia, vêm a sentir atração sexual e a se relacionar afetivo-sexualmente a partir da ausência do sentido visão. Numa sociedade capitalista produzida com base num bombardeio de imagens que balizam o que conhecemos como “mercado sexual”, numa perspectiva de desconstrução da cis-hetero-normatividade padrão, como pessoa vidente, procuro entender como as pessoas cegas LGBT+ constroem e expressam atração afetivo - sexual por outras pessoas e qual diferença no relacionar-se dos videntes e dos não videntes, e implicações da deficiência visual na prática do desejo sexual. O trabalho foi conduzido através de entrevistas semi-estruturadas individuais, compreendendo como grupo de diálogo, pessoas indicadas por colegas da Universidade. A pesquisa elabora uma interlocução entre os Estudos da Deficiência e Teoria Queer, debatendo acerca da normalização de corpos ou com a anormalização dos mesmos, demonstrando como ambas as teorias dialogam entre si e por fim entender a subjetividade desses corpos dissidentes, de forma qualitativa em oposição a hegemonia normalizadora.

Palavras-chave: Normalização; corpos; acessibilidade; capacitismo; desejo.

ABSTRACT

This research brings reflections on the ways in which LGBT+ blind people in Bahia come to feel sexual attraction and to relate effectively-sexually from the absence of the sense of sight. In a capitalist society produced based on a bombardment of images that mark what we know as the “sex market”, in a perspective of deconstruction of the standard cis-hetero-normativity, as a sighted person, I try to understand how LGBT+ blind people build and express affective attraction - sexual intercourse by other people and what is the difference in the relationship between seers and non-seers, and implications of visual impairment in the practice of sexual desire. The work was conducted through individual semi-structured interviews, comprising as a dialogue group, people indicated by colleagues from the University. The research develops an interlocution between Disability Studies and Queer Theory, debating about the normalization of bodies or with the abnormalization of them, demonstrating how both theories dialogue with each other and finally understanding the subjectivity of these dissident bodies, in a qualitative way as opposed to normalizing hegemony.

Key-words: Normalization; bodies; accessibility; ableism; desire.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/travestis, queer, intersexuais, assexuais (+ é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero que fogem da heterocisnormatividade.)

COVID19 - (co)rona, (vi)rus, (d)isease 2019.

TV - Televisão.

UPIAS - Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
E EXISTE SEXUALIDA NORMAL?.....	03
LGBT+ E DEFICIENTE, PANE NO SISTEMA.....	05
TODO MUNDO SENTE TESÃO.....	09
NÃO É SÓ DRAG QUE PERFORMA.....	13
DEFICIENTE TAMBÉM PRODUZ.....	14
A DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA.....	15
DOENÇA É O PRECONCEITO.....	17
CADA CORPO É DIFERENTE E ESTÁ TUDO BEM.....	22
QUEER, CRIP OU E.T.? DEFINITIVAMENTE ANORMAL.....	24
ANÁLISE.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
ANEXOS.....	39
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

O questionamento é o alicerce da academia. Aprendi a utilizar dessa ferramenta para tentar entender o mundo da melhor forma possível, e com essa pesquisa não poderia ser de outra maneira. Ao me aprofundar nos estudos de Gênero e Diversidade, me encontrei numa encruzilhada, ao desconhecer tal tema.. E o desconhecimento é o fator principal a dar ignição à curiosidade, sentimento de pressa, tormenta que só pode se findar no saber. Dessa forma, fui invadido por uma agitação de entender como que as pessoas com deficiências visuais, principalmente os que nasceram totalmente cegos, sem nenhuma referência de visão ou beleza estética, se atraem por outras pessoas, como eles flertam, o que desencadeia a atração sexual, se existe padrão de beleza (seja ele ainda assim estético ou subjetivo), partindo de um pressuposto que videntes se atraem pelo que veem, surgindo uma atração a partir do sentido visão.

Como toda a pesquisa parte da minha percepção, comparando a minha experiência de vida vidente com a de pessoas com deficiências visuais, senti a necessidade de incluir a sexualidade LGBT+ na pesquisa, para que eu consiga isolar o fator visão x ausência de visão única e exclusivamente, o recorte também inclui a minha região uma vez que se necessário poderia encontrar com os entrevistados e por partilhar da cultura regional. Por ser um homem homossexual, sempre optei por ler bastante acerca de sexualidades, o que me trouxe ao *Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade* e da mesma forma a este trabalho de conclusão de curso, parte dos meus estudos que dialogam com a minha pesquisa. A deficiência apesar de não estar presente em minha vida diretamente, constantemente me deparo com séries de TV, filmes, desenhos animados e livros sobre a temática, coisa que só percebi quando decidi estudá-los..

Entender que a deficiência é uma condição de estar e não de ser também foi crucial para me questionar sobre o desejo afetivo-sexual das pessoas com deficiências visuais, pois existe um imaginário social hegemônico onde se nasce deficiente, mas a maioria das deficiências vem ao longo da vida, assim me coloquei no lugar de não vidente e pensei e se...

A fundamentação teórica se dá extraordinariamente pela *teoria queer*, onde a sexualidade e o gênero são construídos socialmente e que prioriza uma deshierarquização das relações sexuais e de gênero como são na sociedade ocidental contemporânea, e que critica o corpo normalizado, o corpo heterossexual, cisgênero e dito capaz. A segunda parte da fundamentação teórica se dá consideravelmente pelos estudos da deficiência e uma pequena

parte sobre o que é o desejo. Os estudos da deficiência também criticam o corpo normalizado, mas nessa teoria o corpo normalizado seria o corpo livre de deficiência, trazendo a deficiência como um marcador social de opressão. Justamente por ambas as teorias dialogarem com corpos anormalizados, entendi que elas se completam. A pesquisa foi realizada através de entrevistas individuais guiadas por um questionário semiestruturado, com 4 entrevistados que residem no estado da Bahia.

Optei por esse tipo de abordagem por se tratar de algo muito íntimo e para que as respostas não fossem influenciadas. Apesar de ter estruturado todo o meu projeto de pesquisa encontrei diversas dificuldades e a primeira delas foi à pandemia do COVID-19, o isolamento social trouxe a necessidade de adaptação e por isso todo o trabalho foi produzido em casa, à dificuldade em encontrar pessoas com deficiências visuais LGBTQ+ baianos me custou tempo, mas foi crucial para entender que essa dificuldade existe por um preconceito institucional com essa parcela da população, que, sim, existe e resiste!

As entrevistas só vieram através da construção de um espaço seguro. Uma vez que não conhecia nenhum dos entrevistados, mantive alguns diálogos curtos, sempre explicando do que se tratava a pesquisa para os entrevistados se sentirem mais seguros e para que concordassem em participar do trabalho. Logo começaram as entrevistas e até hoje não saberia dizer quem estava mais nervoso, mas a prática leva a perfeição (ainda preciso praticar muito mais) e, ao fim das entrevistas, consegui entender um pouco do universo não vidente. No decorrer da construção do trabalho, me deparei com diversos desafios, escolhi um tema que é um tanto quanto interdisciplinar, precisei entender um pouco de biomedicina, psicologia e um pouco de outras áreas humanas, que fogem da minha área de atuação, também houveram desafios impostos por instituições baianas de pessoas com deficiências visuais que pedi ajuda no processo de procura de pessoas para compor a pesquisa, a falta de artigos científicos acerca de pessoas com deficiências visuais, o próprio isolamento social que não permitiu a realização das entrevistas de forma presencial, mas que com toda certeza me fizeram um pesquisador melhor.

E EXISTE SEXUALIDADE NORMAL?

A sexualidade como categoria foi mais bem trabalhada conceitualmente por Michel Foucault (2015), que a compreendeu como um dispositivo, ou seja, um conjunto de discursos que regulam e estabelecem esse campo da existência. Utilizando-me das contribuições de Foucault, dentro do escopo deste trabalho, interessa-nos partir das considerações foucaultianas e, mais atualmente, daquilo que se chama de Estudos ou Teoria *Queer*, os quais vão entender a sexualidade e o gênero como interligados numa matriz discursiva.

Foucault (2015) argumentava que as sexualidades foram tomadas por campos teóricos como os da saúde, medicina e psicologia, campos que tendem a patologizar, impor uma noção de sexualidade naturalista. Esses domínios foram responsáveis pela criação de uma discursividade que negativava o desejo homossexual, constituindo-se em disciplinas de saber/poder que regulavam as práticas sexuais e criava um corpus teórico movidos por uma latente vontade de saber e uma vontade de verdade, de produzir discurso sobre a sexualidade. Nesse sentido, Foucault caracteriza a sexualidade como um conjunto de discursos históricos com fins biopolíticos e disciplinares. Ele cria uma teoria sobre a sexualidade que contesta qualquer pressuposto natural ou teológico para dar conta da análise e explicação desse fenômeno, inserindo-a antes nas relações discursivas de saber/poder, na cultura, que na biologia.

Ao expor e analisar a invenção do homossexual, ele mostrou que identidades sociais são efeitos da forma como o conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é “naturalizada” nos saberes dominantes. A sexualidade tornou-se objeto de sexólogos, psiquiatras, psicanalistas, educadores, de forma a ser descrita e, ao mesmo tempo, regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas. Daí a importância daquelas invenções do século XIX, a homossexualidade e o sujeito homossexual, para os processos sociais de regulação e normalização (MISKOLCI, 2009, p.153).

As expressões sexuais como um todo já existiam em diversas formas desde que o homem criou percepção de que são homens, mas tornaram se conscientes disso muito recentemente, colocando expressões que fujam a norma(heterossexual) como não possíveis, como minoria e principalmente como anormais. O que os homens não perceberam é que eles estavam criando os LGBT+ em oposição à heterossexualidade, sempre numa categoria de dualidade com polos extremamente opostos, colocando as sexualidades diversas num local de

problema, tornando local de objeto de estudo. A “criação” das sexualidades só existiu para quem não viveu e experienciou sua sexualidade divergente antes desse processo acadêmico marcador.

Entendo que a proposta feita por Foucault pretende sair das amarras de uma identidade sexual firmada numa caixinha, definindo exatamente o que é ser homossexual. A sexualidade está para algo muito mais fluido e atemporal, tirando o foco do sexo e o colocando nos corpos e prazeres, sem determinações exatas, porque as pessoas estão em constante mudança, assim como a sociedade e a cultura, a procura pelo prazer pode mudar a qualquer momento. Nesse sentido, Foucault apud Cirino (1982, p. 22 apud 2007, p. 79) faz menção a um corpo abstrato e não físico, que não está estático e que se dá através de relações de poder, onde o poder está em corpos instituídos, “mas pode ser modificado, aperfeiçoado, e suas necessidades produzidas e organizadas de diferentes maneiras.”

Quando a sexualidade se expressa de forma diferente da norma, tudo que habita e forma o corpo se torna político, toda existência do corpo se justifica por ser desviante, tudo negativo e positivo também. Cria-se um personagem estereotipado, e que a razão de ser é só pela banalidade de ter uma sexualidade que foi tida como diferente. Assim deu-se a criação da figura do homossexual, o que até então era uma prática, tornou-se uma identidade, como afirma Cirino (2007): “[...] se antes não se distinguia o sodomita no vasto domínio dos hereges ou dos infratores jurídicos, no século XIX, o homossexual é individualizado como uma espécie.”

Muito preocupado com as possíveis limitações da assunção de uma identidade e sua apreensão pelos dispositivos de saber/poder,

No início dos anos 80, Foucault, apesar de considerar a importância das lutas dos homossexuais para reconhecer sua identidade, apontava para o risco de tais movimentos ficarem confinados a uma noção definida pela “perspectiva médico-jurídica”. Por isso, julgava importante ir além, ao propor “novos modos de vida e de prazer” que escapassem às questões da “identidade” sexual ou do “desejo” (CIRINO, 2007, p. 85).

Assim focava no prazer, porque o prazer está ligado diretamente à sexualidade, mas não há como as ciências médicas a normalizarem: não existe prazer anormal ou patológico. A análise dos desejos determina quem é normal ou não, podendo desqualificar seu prazer ou até mesmo requalificá-lo.

Ao passo que me parece que ao utilizar a palavra prazer, que no limite não quer dizer nada, que está ainda suficientemente vazia de conteúdo e virgem

de utilização possível, não tomando por prazer, afinal, senão um acontecimento, um acontecimento que se produz, e que se produz, me diria, fora do sujeito, ou no limite do sujeito, ou entre dois sujeitos, nessa coisa qualquer que não é nem do corpo nem da alma, nem exterior nem interior, quem sabe teríamos, ao procurar refletir sobre essa noção de prazer, um meio de evitar toda a armadura psicológica e médica que a noção tradicional de desejo carregava? (FOUCAULT, 2015, p. 8).

Foucault inaugura uma abordagem dissociada da perspectiva naturalista e crítica dos discursos identitários em certa medida, embora reconhecendo sua necessidade na luta política. De um ponto de vista discursivo, sua genealogia da sexualidade permite-nos compreendê-la como um empreendimento sociodiscursivo de regulação e disciplinarização dos corpos, distante de qualquer metafísica da existência. Diante disso, suas considerações serão fundamentais para a constituição de uma teoria sobre o gênero e a sexualidade desconstrutivista e dentro dos limites do discurso.

LGBT+ E DEFICIENTE, PANE NO SISTEMA

A Teoria *Queer* tem como característica principal a oposição à normalização, principalmente a heteronormatividade compulsória da sociedade, mas também ao movimento homossexual dominante. Em tradução livre *queer* quer dizer: estranho, esquisito. Dessa forma conseguimos entender melhor que as pessoas que se identificam como *queer* são as completamente dissidentes, que não se identificam com qualquer norma padrão que seja mesmo a homossexual.

“Segundo os teóricos e teóricas *queer*, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão” (LOURO, 2001, p. 549). A Teoria *Queer* traz em si o conceito de desconstrução e é descentrada em sua análise; sua produção tem uma proposta de ruptura epistemológica. Seu caráter pós-estrutural reside na sua virada analítico-metodológica, pois tira o foco das identidades e o coloca na cultura, sendo uma política pós-identitária. Os teóricos *queer* não querem reverter à sexualidade padrão, mas, sim, reverter todo o modo operante social cultural da sexualidade binária normativa. Desnaturalizando uma sexualidade tida como principal e maior.

A Teoria *Queer*, como uma crítica sem sujeito (*subjectless*), foca em um amplo campo de normalização (WARNER, 1993) como lócus de violência social, para as estruturas sociais hegemônicas que criam sujeitos como normais e naturais, por meio da produção de outros perversos ou patológicos. O *queer* mantém, portanto, sua resistência aos regimes da normalidade, mas reconhece a necessidade de uma epistemologia do abjeto, baseada em investigações interseccionais. Tais pesquisas sociológicas focariam nos processos normalizadores que resultam na criação das identidades e sujeitos subordinados. Este procedimento metodológico *queer* auxiliaria no rompimento com a antiga tendência sociológica de partir desses sujeitos já constituídos em pesquisas que, ao invés de colocar em xeque forças sociais, terminavam por corroborá-las. (MISKOLCI, 2009, p. 173).

A importância de entender todo um sistema social é necessária, pois, assim, podemos entender o porquê da perpetuação de tantas opressões. É necessário existir esse Outro, não normalizado, para que os normalizados estejam no topo da relação de poder, para assim, tentarmos subverter essa cultura do normal. A Sociologia e a Filosofia nos deram ferramentas para realizarmos análises fundamentais para compreender as trajetórias históricas, culturais e sociais. Como explica Richard Miskolci (2009):

A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay (MISKOLCI, 2009, p. 153).

No que diz respeito às binaridades, entende-se que nos dois polos, um está contido no outro, sempre em oposição e que um precisa do outro para existir e para dar sentido, por binaridade digo feminino e masculino ou heterossexualidade e homossexualidade. Isso justifica a pertinência para uma analítica que considere a complementaridade como conceito que organiza a produção ontológica e os processos de normalização que criam Outros, polos de objetivações negatizadas, “[...] sem os quais o hegemônico também não se constituiria nem manteria seu poder.” (MISKOLCI, 2009, p. 174). Ademais, faz-se importante pensar sobre um meio termo, pessoas *queer*, que não são nem um, nem outro, pessoas que pensam e sentem sua sexualidade de forma diferente.

Sabemos que a construção da identidade de gênero se dá principalmente pela cultura instituída, mas também a filosofia propõe a existência de características internas das pessoas. A partir disto, uma questão surge: “Em que medida é a "identidade" um ideal normativo ao invés de uma característica descritiva da experiência?” (BUTLER, 2018, p. 43).

Logo, nota-se que as identidades de gênero dissidentes se encontram completamente fora da inteligibilidade socialmente instituídas. O sistema normalizante entra em colapso, precisa de alguma forma enquadrar determinada pessoa no sistema binário de sexo-gênero. Mas a própria existência dessa pessoa tida como desviante denuncia uma falha no sistema, que não dá conta da realidade e a existência em si, já é embasamento teórico suficiente para propor uma nova forma de se pensar gênero, sexo e sexualidade, como aponta Butler:

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “feito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2018, p. 43-44).

Dessa forma, entendo que as identidades de gênero que não são inteligíveis, são aquelas que não podem existir, isto é, os gêneros que não decorrem do sexo, e principalmente as práticas de desejo que não decorrem do sexo e nem do gênero.

Nas análises de Butler, tomando a discussão de Adrienne Rich (2010), a heterossexualidade passa a ser compreendida como um regime político, saindo do âmbito individual ou subjetivo enquanto um simples desejo. Esse ponto de vista interessa a Butler para articular sua ideia de matriz de inteligibilidade que só ganha sentido e condição de existência dentro do regime heterossexual. No entanto, como vem defendendo alguns autores a partir de teorizações transfeministas, a cisgeneridade também deve ser alçada à posição de regime que atua em conjunto com a heterossexualidade para manutenção da matriz. Como afirmam Torres e Fernandes (2019),

A filósofa vai mostrar como esses atos estilísticos compõem uma matriz de inteligibilidade pela qual a existência de uma correlação entre sexo, gênero, desejo e prática sexual são imprescindíveis para seu pleno e efetivo funcionamento social. Desse modo, na cadeia elencada, a perfeita linearidade produz identidades masculinas e femininas heterossexuais e cisgêneras, dois polos antagônicos, mas em relação. [...] A heterossexualidade não pode mais ser pensada em separado da cisgeneridade, na medida em que uma só assume inteligibilidade nos marcos da outra e vice-versa, coexistindo para a mútua manutenção de si mesmas enquanto atributos passíveis de reconhecimento social e político, bordas do enquadramento das experiências subjetivas dignas de humanização. (TORRES; FERNANDES, 2019, p. 1683).

Guacira (2001) faz uma analogia em seu texto, onde coloca o conhecimento em oposição à ignorância, e tira o esvaziamento de saberes da ignorância, e a coloca como outro saber. A mesma coisa pode ser aplicada a sexualidade, sair da caixinha rótulo heterossexual ou homossexual, pensar, por exemplo, em pessoas homossexuais que esporadicamente sentem vontade e prazer em beijar garotas, isso não o faria menos gay. Penso, então, que essa poderia ser mais uma categoria identitária sexual? Ou, então, não pensar muito nesses rótulos como propõe a teoria *queer*, e que sejamos todos *queer*!

Segundo Louro (2004), a educação seria um dos pontos principais para pôr em prática a mudança através da teoria *queer*, lugar onde se constrói o pensamento. O grande problema é que esse pensamento não é crítico, está mais para um conjunto de saberes necessário para construir a sociedade como se encontra atualmente. No que se trata de sexo e gênero, também se encontra uma problemática, pois a escola é o lugar onde se ensina a norma (heterossexual), criando as dicotomias, binarismos polarizados (hetero/homossexual, masculino/feminino e homem/mulher) que impõe limites à concepção de gênero e sexualidade. Como ela aponta,

Volto-me particularmente para o campo da Educação: é possível pensar que os currículos de nossas escolas e universidades são uma espécie de texto “generificado” e sexualizado (ou seja, são textos que acabam por constituir os gêneros e as sexualidades de estudantes e professores/as) (Louro, 2004). Ali usualmente se reafirma a premissa que diz que um determinado sexo indica um determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica ou induz o desejo. Nessa lógica, supõe-se que o sexo é “natural” e se entende o natural como “dado”. (LOURO, 2004, p. 3).

Aprendemos no senso comum que o conhecimento seria a verdade, mas é preciso entender que existem preconceitos em determinados conhecimentos, dificultando a desconstrução desses conhecimentos e a reconstrução de outros, principalmente de pessoas que não se dedicam aos estudos de gênero. Não obstante essa compreensão, é mister compreender as relações entre saber/poder que enlaçam a produção de conhecimento e os investimentos discursivos sobre os gêneros e as sexualidades. Se o conhecimento se constitui numa ficção sobre a realidade, trata-se de uma elaboração performática tanto quanto seus objetos, a saber, o gênero e a sexualidade.

TODO MUNDO SENTE TESÃO

A sexualidade de pessoas com deficiências é tida sempre como algo anormal, assim como a própria deficiência, o pensamento hegemônico da sociedade contemporânea pressupõe que pessoas com deficiências não possuem sexualidade, não possuem sentimentos e necessidade fisiológica de praticar sexo ou que são exacerbadamente sexuais e que tem desejos incontroláveis, pressupõe também que pessoas com deficiências são pouco atraentes e indesejáveis, que são incapazes de manter um relacionamento afetivo e/ou sexual, e que são incapazes de praticar um sexo tido como normal, uma disfunção sexual, e também que pessoas com deficiências são estéreis e/ou reproduzem filhos com deficiências e que não possuem condição de educar e criar seus filhos, outro fator extremamente importante seria o de não considerar a possibilidade de pessoas com deficiências possuírem outra sexualidade que não a hetero, a heteronormatividade também é imposta a eles e de forma talvez ainda mais pesada, pois seria uma anormalidade somada a outra.

Decerto que o pensamento hegemônico reproduz preconceitos normalizantes a respeito da sexualidade de pessoas com deficiências. Uma lesão, ou doença, não deve ser um fator determinante no que tange a sexualidade ou a prática sexual destas pessoas. Discorre Maria e Ribeiro:

As expressões da sexualidade são múltiplas e variadas tanto para deficientes como para não-deficientes. Em qualquer caso não é possível determinar se a vida sexual e afetiva será satisfatória ou não e é importante lembrar que em diferentes momentos da vida, dificuldades e facilidades vão ocorrer em maior ou menor grau para todos. Entre as pessoas com deficiências o mesmo acontece e seria injusto generalizar, rotular e estigmatizar quem é a pessoa com deficiência - seus potenciais e seus limites - em função de rótulos, sem considerar o contexto social, econômico, educacional em que o sujeito se desenvolve e sem considerar a diversidade entre as pessoas com deficiências. (MARIA;RIBEIRO, 2010, p. 160).

A sociedade estabelece então regras, que não são explícitas, de qual corpo seria desejável, que seria o corpo normalizado, atribuindo conjuntamente uma promessa de felicidade idealizada. Os padrões para a sexualidade normal e feliz que não podem ser pensados separadamente do contexto social, econômico e cultural e se revelam em diferentes meios: na televisão, nas propagandas, nas telenovelas, nas narrativas, na literatura, nos jornais, nos discursos, na música, dentre outros. Nesse sentido, conceitos subjacentes à sexualidade, como beleza, estética, desempenho físico, função sexual, gênero, saúde são

também construídos socialmente e podem diferir em função da cultura e das condições em que esses fenômenos se revelam (MARIA; RIBEIRO, 2010).

A mensagem ideológica do sexo é definida como direito exclusivo para pessoas jovens e bonitas, o sexo com uma pessoa com deficiência é colocado como inimaginável, ou esquisito, por isso desejo e prazeres se tornam um tabu para pessoas com deficiências. Diz os autores:

A partir da cultura e da educação há uma construção sobre a escolha de nossos objetos amorosos e não é verdadeiro o fato de que todos são alvos desejáveis, embora não percebamos isso conscientemente. Nesse sentido, o amor, assim como o sexo e o desejo são influenciados pelas concepções sociais de normalidade que destroem qualquer possibilidade de se desejar espontaneamente. (MARIA;RIBEIRO, 2010, p. 170).

Assim como a sexualidade, a deficiência é um fenômeno socialmente construído, que estigmatiza o corpo anormal, definindo padrões. Torna-se explícito que a construção de pensamentos acerca de pessoas com deficiências são preconceituosos e produzidos com propósito de impor uma relação de dominação. Faz-se necessário entender que pessoas com deficiências são pessoas iguais, e que tem sentimentos iguais e necessidades e desejos também iguais.

As políticas sexuais beiram a inexistência quando se trata de deficiência, justamente por fatores citados acima como a pressuposição de que são assexuados ou incapazes de praticar sexo e de procriarem, defino políticas sexuais como:

Em primeiro lugar, possibilita a abordagem conjunta de diferentes tipos de ação social dirigidos ao Estado ou promovidos em seu âmbito ou sob sua chancela: legislações, campanhas sanitárias, programas educativos, normativas ministeriais, decisões judiciais, diferentes ativismos ou movimentos sociais etc. Em segundo lugar, permite a análise de processos sociais que se desenvolvem em múltiplos planos, pois, se as *políticas sexuais* vinculam-se historicamente a espaços sociopolíticos definidos pelas fronteiras dos Estados nacionais, tendo sido mesmo fundamentais para processos de construção da nação (*nation building*), elas têm sido forjadas cada vez mais intensamente no plano internacional e implementadas através de compromissos assumidos entre Estados (CARRARA, 2015, p. 2).

A falta de políticas sexuais para pessoas com deficiências se dá também por deficiência estar sempre colocada como marcador social, que resume a problemática da existência da pessoa com deficiência, razão da relação biomédica e social, colocando outros

pontos da existência desatrelada a deficiência como menos importantes ou até mesmo inexistentes.

Em seguimento a esse pensamento hegemônico preconceituoso, entendemos que o desejo das pessoas com deficiências tem sido ignorado e desconsiderado há muito tempo. Mais explicitamente, falo do desejo sexual, que constrói toda subjetividade sexual do ser, onde desejo abarca: vontade, atração, prática sexual, satisfação sexual, reprodução, erotismo, fetiche e prazer e também toda prática romântica, sentimental e afetiva. Os desejos não são entidades biológicas pré-existentes, mas, ao invés disso, são constituídos no curso histórico de elementos sociais repressivos específicos ao apontar que novas sexualidades são constantemente produzidas (RUBIN, 1994). Explicitando que desejo se constrói exatamente da mesma forma que sexo, gênero e deficiência (como poderemos ver no próximo capítulo), por exemplo, social e culturalmente.

A importância de se pensar acerca do desejo seria ideal uma vez que todo trabalho se resume a essa temática, mas também porque a sexualidade se expressa a partir do desejo, sentimento que instiga as pessoas a praticarem sexo. Não desejo discorrer longamente sobre ele (o desejo) mas se faz necessário determinar qual linha teórica do desejo que utilizo. Para falar de desejo, é preciso entender as teorizações freudianas sobre o complexo de Édipo:

Expus em outros lugares em que tenra idade a atração sexual se faz sentir entre pais e filhos, e mostrei que a lenda de Édipo provavelmente deve ser considerada como a elaboração poética do que há de típico nessas relações. É provável que se encontre na maioria dos seres humanos um traço nítido dessa inclinação precoce da filha pelo pai e do filho pela mãe, e deve-se presumir que ela seja mais intensa, já desde o início, no caso das crianças constitucionalmente destinadas à neurose, que têm amadurecimento precoce e são famintas de amor. Entram então em jogo certas influências que não abordaremos aqui e que levam à fixação desse impulso amoroso rudimentar, ou que o reforçam de tal modo que ele se transforma, ainda na infância ou, no máximo, na puberdade, em algo equiparável a uma inclinação sexual e que, como esta, tem a libido a seu dispor. (FREUD, 1901-1905, p. 35).

Para compreensão maior trago também Junior, exemplificando Lacan:

Lacan critica explicitamente Hegel por restringir sua análise do desejo à autoconsciência. O resultado dessa operação é que o inconsciente se vê desconsiderado como significante da atividade consciente, e a consciência passa a ser privilegiada como falso lugar do significante. Na verdade, a divisão entre consciente e inconsciente traria consequências para a obscuridade fundamental do desejo. A opacidade do significante que determina o “Eu” é o próprio inconsciente enquanto cadeia de significantes, o qual interfere repetidamente na auto-apresentação coesa e coerente do

sujeito consciente. Nesse sentido, o inconsciente não é concebido topograficamente, mas em termos das várias negatividades - faltas, furos, fissuras - que marcam o discurso do Eu. (PEIXOTO JUNIOR, 2004, p. 112).

A psicanálise então reduz o desejo à falta de algo em si, procurando no outro o que não existe em si, e acredito ser algo um tanto quanto problemático, o desejo não é falta, é produção! Noto que a psicanálise tende a produzir ideais gregos fantasmagóricos, baseados em castrações, como se desejar algo fosse pecaminoso.

É perceptível que a psicanálise nos reduz sempre a um único fator, e sempre o mesmo, a um pai, ou a mãe, ora o falo. Ela ignora tudo o que é múltiplo, ignora o construtivismo, ou seja, agenciamentos. Utilizar de psicanálise como embasamento teórico seria o mesmo que ir de contra acordo a tudo que penso e acredito, para demonstrar trago Butler:

Se eu aceitar a formulação psicanalítica de que tanto o objeto quanto a finalidade do amor são formados em parte por esses objetos e objetivos repudiados, considero que se trata de um exemplo cínico e homofóbico dessa ideia sustentar que a homossexualidade não é nada mais do que a heterossexualidade repudiada. Dada a condição culturalmente repudiada da homossexualidade como uma forma de amor, o argumento que procura reduzir a homossexualidade à inversão ou ao desvio da heterossexualidade trabalha para reconsolidar a hegemonia heterossexual. É também por isso que a análise da melancolia homossexual não pode ser considerada como simétrica à análise da melancolia heterossexual. Esta última é culturalmente cumprida de uma forma que a primeira não consegue cumprir, exceto dentro das comunidades separatistas que não podem exercer o mesmo poder de proibição que as comunidades do heterossexismo obrigatório. (BUTLER, 2019, p. 382).

O desejo que pretendo me aproximar é o de Deleuze e Guattari, onde seu resultado final sempre é a própria existência. Para alinhar:

Se o desejo produz, produz real. Se o desejo é produtor, só o pode ser a realidade e da realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real resulta disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Ao desejo não falta nada, não lhe falta o seu objecto. É antes o sujeito que falta ao desejo, ou o desejo que não tem sujeito fixo; é sempre a repressão que cria o sujeito fixo. O desejo e o seu objecto são uma só e mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina. O desejo é máquina, o objecto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir, e qualquer coisa no produto se afasta do produzir, que vai dar ao sujeito nómada e vagabundo um resto. O ser objectivo do desejo é o Real em si mesmo. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 31).

O desejo então é uma produção constante do inconsciente e que nunca é diretamente uma coisa, mas, sim, um conjunto de coisas. Ao desejar uma pessoa, por exemplo, o desejo está num conjunto de coisas que a faz desejar, um beijo, uma conversa e o toque. Essa perspectiva condiz com meu pensar, um desejo que vem do inconsciente, mas real, produtor e produzido pela realidade.

NÃO É SÓ DRAG QUE PERFORMA

A filósofa estadunidense Judith Butler provavelmente não imaginava o frisson que causaria com a publicação de seu livro *Problemas de Gênero*(1990). Neste livro, Butler aborda uma noção de gênero e sexualidade performativa, permeada por discursos, celebrando a fluidez e denunciando a heterossexualidade e o gênero como ficções socioculturais. Essas ficções são mantidas por uma matriz discursiva de inteligibilidade de gênero que cria uma relação causal entre sexo-gênero-desejo-prática sexual.

Butler discorre sobre a normalização de gênero como uma máscara, onde as pessoas aprendem através da repetição como performar determinado gênero, sendo assim o processo discursivo e corporal político que ela chama de performatividade. Indicando que gênero, não é essência ou origem. Colocando todos como reprodutores de performatividades que muito provavelmente não condizem com quem são ou quem querem performar, algo que foge do controle, pois o discurso performático já existe antes do nascimento de todos nós. A solução para essa normalização forçada seria praticar um rompimento através de outras repetições de performance, até quebrar a performance colocada em si.

Como Cameron (1997) argumenta, ao entender a linguagem como performance (e, com Butler, como performativa) não devemos considerar que falamos/escrevemos A, B ou C porque somos X, Y ou Z. Ao invés disso, devemos focar nossa atenção nas dinâmicas sócio-histórico-discursivas que fazem com que ao falarmos/escrevermos X, Y ou Z sejamos percebidos/as como A, B ou C; ou seja, os recursos linguísticos (e identitários) são produtos de processos históricos, políticos, filosóficos e culturais específicos e sua utilização nos insere nessas dinâmicas. (BORBA, 2014, p. 460).

Muitos criticam o trabalho de Judith Butler no que tange ao corpo feminino quando ela fala de performatividade, como se a liberdade de performar determinado gênero implicasse diretamente na falta do corpo, se tornando pouco existente e tirando toda a carga da opressão através do corpo, mas Borba apud Butler diz que “Entender que o sexo e o corpo são efeitos discursivos não implica negar a existência da carne, do sangue, da dor, mas, sim, considerar

que a materialidade do corpo e sua significação cultural são inextricavelmente imbricadas.” Ela assinala que a performance e performatividade não estão desligadas da marcação do corpo, um traz sentido ao outro através do produto linguístico e cultural e são indissociáveis. Os códigos de significação materializam o corpo.

A heterossexualidade em si compõe esse regime biopolítico de organização de corpos, também constitui a matriz de inteligibilidade de gênero, ou seja, o gênero não existe sem um dispositivo de sexualidade e, também, são atos performativos. A heterossexualidade é também uma encenação, é uma performatividade, é a reprodução de atos estilísticos, ou seja, nesse sentido, o desejo não parte de uma base natural, como se o homem e a mulher estivessem destinados desde sempre um ao outro, segundo a natureza. Se os desejos são construídos socialmente, eles também podem variar. Dentro dessa matriz de inteligibilidade, o corpo fica um pouco à parte, o que será mais bem elaborado a partir da Teoria Crip.

Primeiramente, precisamos entender que a deficiência é um marcador social da diferença, portanto os cegos são precisamente marcados por ter um corpo deficiente. A consciência de uma pessoa com deficiência surgiu, segundo DINIZ (2007, p. 8), no século XVIII, classificando as pessoas com deficiências como anormais em comparação a corpos tidos como não deficientes e normais. A dita anormalidade se torna um julgamento de valor estético. A partir da compreensão de que cegos são pessoas com deficiências, se faz necessário discorrer sobre a teoria crip, que vem tratar justamente de pessoas com deficiências.

DEFICIENTE TAMBÉM PRODUZ

A deficiência foi estabelecida como uma opressão social, pois a deficiência se tornou motivo de exclusão social, deslocando pessoas com deficiências do espaço público ao espaço privado. Da mesma forma foi percebido que o déficit social não se dava por conta da deficiência em si, “a opressão não era resultado da lesão, mas de ordenamentos sociais excludentes.” (DINIZ, 2009, p. 18), onde a causa das desigualdades e das opressões são ativamente na inacessibilidade, que podava toda prática social comum a todos. Logo, o necessário para romper com essa opressão não se encontra na biologia ou na medicina, mas sim na política e na sociologia.

A deficiência se tornou um campo teórico unificado por todos os tipos de corpos lesionados. Em razão da falta de acessibilidade, pessoas com deficiências possuíam baixa

escolaridade, desemprego e experiência de segregação, o que causava uma sensação de insuficiência e inferioridade, através disso, foram contestadas políticas públicas de inclusão.

O maior definidor para a tida inferioridade social era o capitalismo, pois pessoas com deficiências não produziam capital, logo a necessidade de se criar políticas para essa parcela da população, onde houvesse acessibilidade, corpos lesados iriam provar que eles também poderiam ser produtivos. Assim que possibilidades fossem ofertadas, às pessoas com deficiências demonstrariam que a sua mão de obra tem o mesmo valor que uma mão de obra não deficiente, já que o trabalho realizado por eles seria o mesmo que o de uma pessoa sem deficiência, por isso então estaria definido como objetivo do movimento deficiente a necessidade por acessibilidade. Mas não só no mercado de trabalho foi comprovado o sucesso pelas pessoas com deficiências, a academia também foi ocupada pelos mesmos e por fim, temos incríveis trabalhos feitos por pessoas com deficiências, tanto os que têm lesões físicas como os que têm lesões psicológicas.

A DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA!

Segundo a medicina, uma pessoa cega é aquela que falta de visão ou pessoa que não enxerga. O viés médico encontrava o problema na lesão, esse é um fato estritamente biológico, sem considerar a desigualdade social. Para os médicos, a deficiência é uma consequência natural de um corpo lesionado, corpo que necessita de cuidados médicos, preocupando-se principalmente em um tratamento curativo, como se a deficiência fosse uma doença que necessita de cura. A medicina sempre esteve mais preocupada com a lesão, numa perspectiva de doença e de evento natural, causado pelo azar. Foi apenas nos anos 1970, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América, que surgiu os estudos das deficiências, deixando de ser um termo utilizado para marcar um corpo lesionado que impõe restrições sociais, para se tornar um conceito complexo, que reconhece o corpo lesionado, mas que leva também em consideração a opressão da estrutura social a pessoa com deficiência, um marcador social da mesma forma que racismo, sexismo e entre tantos outros.

A medicina vem a embasar toda violência direcionada às pessoas com deficiências, principalmente as verbais com justificativas físicas e biológicas, ainda nesse período os termos utilizados para se referir às pessoas com deficiências eram extremamente violentos, por isso foi adotado o termo “Deficiente”, para indicar uma característica individual que constrói a subjetividade daquele ser, positivando a e dando um novo sentido a palavra. É de conhecimento comum aos médicos, saber que em algum momento todos seremos mais ou

menos deficientes, a exemplo da velhice, ou até mesmo de quando somos recém-nascidos, a necessidade de existir uma pessoa que garante a sua existência através do cuidado caracteriza uma deficiência.

Em 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica *impairments*/deficiência segundo (GAUDENZI; ORTEGA, 2016, p. 2), como uma categoria que define “significava perda ou anormalidade de uma estrutura ou função corporal – psicológica, fisiologia ou anatômica” e *disabilities*/incapacidade como “restrição ou perda da capacidade de performance de atividades de forma considerada normal para os seres humanos” e *handicap*/desvantagens como “oriunda do *impairment* ou da *disability* que a limita de desempenhar um papel que é normal em determinado grupo” sempre partindo de um pressuposto que a normalidade seria um corpo não deficiente, e não um corpo que experimenta a vida de uma forma diferente.

A principal teoria que serviu de embasamento teórico para as pessoas com deficiências se chama modelo social da deficiência que vem a criticar de forma radical a teoria principal dos médicos era o modelo médico da deficiência, nessa passagem do texto de Diniz podemos identificar ambas:

O modelo social da deficiência estruturou-se em oposição ao que ficou conhecido como modelo médico da deficiência, isto é, aquele que reconhecia na lesão a primeira causa da desigualdade social e das desvantagens vivenciadas pelos deficientes, ignorando o papel das estruturas sociais para a opressão dos deficientes. (DINIZ, 2003, p. 2).

O modelo médico era insustentável, colocando a razão da opressão na causa da deficiência, individualizando a pessoa com deficiência colocando toda e exclusiva culpa de ser deficiente na pessoa com deficiência, tirando toda responsabilidade da sociedade para com a minoria social deficiente. Já o modelo social da deficiência, viria para definir a causa da opressão social da deficiência como construção social, onde a sociedade negava a existência deles, privando-os de ter acesso a lugares públicos, a partir de uma perspectiva marxista. E, futuramente, feminista também: as mulheres acabam por participar do movimento social pró-deficientes, pois muitas mulheres feministas na época (anos 1980 e 1990) eram pessoas com deficiências também, ou, cuidavam de crianças e adultos também deficientes, o que foi extremamente importante para o movimento deficiente, uma vez que muitos deles necessitam de suporte para realização de algumas atividades, dando uma perspectiva diferente e mais ampla aos futuros direitos das pessoas com deficiências.

Originalmente, o modelo social da deficiência partia de dois pressupostos: 1.de que as desvantagens eram resultado mais diretamente das barreiras que das lesões e 2.de que retiradas as barreiras, os deficientes exercitariam a independência.(DINIZ, 2003, p. 3).

As pessoas com deficiências travaram uma batalha pela independência e o maior impeditivo deles naquela época eram as barreiras sociais que se davam principalmente pela arquitetura nada inclusiva e a de transporte, existia uma pressuposição que as pessoas com deficiências eram tão produtivos quanto uma pessoa sem deficiência, e o que impedia essa produção eram justamente essas barreiras sociais. O modelo social da deficiência lutava principalmente para incluir as pessoas com deficiências no mercado de trabalho e no sistema educacional.

Com vistas à inclusão social e à cidadania plena e efetiva dos deficientes, no ano de 2015, o Brasil instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que entrou em vigor em janeiro de 2016. A Lei garante, entre outras coisas, condições de acesso à educação e à saúde e estabelece punições para atitudes discriminatórias contra essa parcela da população.
(GAUDENZI; ORTEGA, 2016, p. 2).

Após muitos anos de luta, e atrasadamente comparado a outros países, o Brasil institui lei sobre pressão social, para pessoas com deficiências. A partir dessa lei, a avaliação da deficiência se dá pelo laudo médico, mas também o social, considerando além das funções e estruturas que caracterizam a lesão, mas também o ambiente e os fatores pessoais.

DOENÇA É O PRECONCEITO!

Pessoas com deficiências sempre estiveram presos ao âmbito privado, vivendo em exílio da sociedade, o que inclusive atrasou bastante o movimento social da deficiência em todo o planeta, dito isso, quando deparados com a sociedade de forma solitária e excludente, em razão da opressão de deficiência, se tornou necessário à luta por direitos que proporcionassem em uma mudança social. Pela falta de produções até o século XX, a categoria de pessoas com deficiências se tornou um campo interdisciplinar de conhecimento até mesmo pela sua complexidade, se tornando um campo de estudo para educação, direito, psicologia, sociologia, filosofia, saúde e até mesmo os estudos de gênero. A acessibilidade não se dá apenas por acessos arquitetônicos, mas, também, por dimensões comunicacionais,

instrumentais e metodológicas, segundo Mello; Nuernberg; Block (2014) “a demanda por acessibilidade será cada vez mais deflagrada até se tornar inquestionável.”.

Nesse sentido, a deficiência começou a ser pautada pelas ciências sociais quando as próprias pessoas com deficiências se instrumentaram dela. Alguns sociólogos com deficiências se juntaram em 1972 e criaram uma organização política chamada Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação (UPIAS). Destinada a resistência política e intelectual em relação ao modelo médico de compreensão da deficiência, a UPIAS também foi responsável por redefinir lesão e deficiência, no que tange sociologia e não mais a termos biomédicos. Criaram o Modelo Social da Deficiência, termo que expõe a marginalização e a opressão e exclusão dos corpos lesionados à sociedade, justificando que nada tem a ver com o corpo em si, mas sim com organizações sociais e políticas que não tem sensibilidade à diversidade.

A discriminação da sociedade se torna alvo da UPIAS e o rompimento com a ideologia que oprimia as pessoas com deficiências começa. A UPIAS tem como segundo objetivo defender que a opressão enfrentada pelas pessoas com deficiências é dada pelo capitalismo. Nos anos 1990 e 2000 eles se “armam” de abordagens pós-modernas e de críticas feministas, pois ambos sofriam de opressões e opressões similares, um sofria pelo corpo lesionado e as mulheres pelo seu gênero, ambas colocadas como minorias, como explana Diniz:

A análise da contribuição da epistemologia feminista para a saúde coletiva justifica-se duplamente: 1. porque os estudos sobre deficiência partem do mesmo pressuposto político e teórico do feminismo - o de que a desigualdade e a opressão contra grupos vulneráveis devem ser combatidos - e 2. porque o início da estruturação dos estudos sobre deficiência pautou-se largamente no modelo analítico dos estudos de gênero que supunham a diferenciação entre sexo (natureza) e gênero (social), o que, no campo da deficiência, passou a ser compreendido como a diferença entre lesão (natureza) e deficiência (social). (DINIZ, 2003, p. 1).

A deficiência é, então, um sistema de exclusão social, que estigmatiza as diferenças humanas, logo a deficiência se torna um campo analítico social, onde a normalidade x anormalidade é um campo de relação de poder.

Seria necessário, então, se questionar em que diferimos em relação à deficiência ou a falta dela. Uma limitação de mobilidade, por exemplo, seria necessário para considerar esta pessoa menos em algum aspecto social ou intelectual que você? Creio que não. O estigma da deficiência e da própria opressão social da deficiência se dá justamente por essa inferiorização

por algum limitante seja ele físico ou psicológico, mas é necessário que se proponha uma desconstrução do ser deficiente e uma reconstrução em torno dele, para possibilitar uma ressocialização de forma integrada e mais justa, sendo uma mudança extremamente positiva para toda sociedade.

A discussão entre saúde e doença, torna-se palpável com Lennart Nordenfelt, que explicitou o conceito de saúde x deficiência, onde ambas não são colocadas como natureza humana, são categorias construídas socialmente. A teoria da saúde é determinada pela noção de dignidade e se baseia na ação do indivíduo no mundo, tendo como objetivo o bem estar. Na concepção do filósofo sueco:

A saúde de uma pessoa está ameaçada quando sua integridade corporal está comprometida, temporária ou permanentemente, a ponto de impossibilitá-la de cumprir seus projetos de vida, os quais denomina de “metas vitais”. A especificação das metas vitais deve ser deixada à avaliação do bem-estar, a qual é *sui generis*. A avaliação sobre os graus mínimos de bem-estar é realizada sobre as bases de uma cultura comum, mas os valores ligados às metas vitais são muito mais egocêntricos, isto é, relacionam-se com a satisfação do próprio agente e não necessariamente com a prescrição da sociedade. (GAUDENZI; ORTEGA, 2016, p. 5).

Então, se faz necessário uma avaliação da autonomia, para entender se determinado corpo é doente ou deficiente. Um corpo saudável seria aquele que é capaz de cumprir suas metas vitais. O rompimento com as normas da dicotomia entre normal e patológico e doença e deficiência no que tange a própria deficiência foi essencial para o avanço do Modelo Social.

O movimento deficiente se deu primeiramente pelo viés da despatologização, porque a deficiência primeiramente foi tida como uma doença, falha e/ou incapacidade, tendo em vista principalmente discursos biomédicos, já no movimento moderno a consciência da deficiência aumentou, percebendo-a como uma questão político-social, assim a discriminação, exclusão e opressão se tornam a fonte do problema social da deficiência.

A grande questão da participação social, e da não segregação como opressão social, era que anteriormente as pessoas com deficiências necessitavam se adequar a sociedade, invertendo papéis, pois o necessário é haver inclusão social, onde a sociedade que se adapta às pessoas com deficiências, promovendo acessibilidade. O estranhamento do olhar de pessoas sem deficiências que efetivam a deficiência do outro, que percebe o outro corpo como estranho e diferente do normal, por isso que a deficiência não se dá por lesões corporais ou por comportamentos individuais, é assim que a deficiência se dá pelas relações sociais de pessoas com deficiências com pessoas sem deficiências.

A abordagem médica sempre vem numa perspectiva de colocar a deficiência como uma doença, desse modo sempre apontando tratamentos e medicalização, para alcançar uma cura ideal, colocando o corpo deficiente como um corpo incapaz e ineficiente. As ciências sociais entendem que o corpo lesionado não necessita de cura. Ele é o que ele é, diferente ou não do corpo normalizado. Então, a partir da abordagem médica, a sociologia vem para determinar a deficiência como uma opressão social, institucional e capacitista.

Gaverio pontua que:

[...] de que corpo deficiente falamos então? Esta é uma indagação importante que foi sendo formulada no andamento da pesquisa e acredito não possuir resposta exata. Conforme avançava nas leituras fui me deparando com maneiras diversas de teorizar socialmente sobre deficiência. Minha aparente implicância com os modelos construcionistas sociais sobre deficiência é fruto da minha inquietação, em partes responsável pela dúvida “que corpo é esse que figura em tais teorizações?” (GAVERIO, 2015, p. 59,60).

Inquietação que também me tomou, uma vez que a deficiência é um problema sociológico que paira no ar, que não está no corpo. E, seguindo esse pensamento, não sabemos exatamente de que pessoa com deficiência que estamos falando. Então, se torna necessário assumir que estou falando de relações sociais, e que não irei me referir à descrição biológica que tornaria o corpo deficiente. Senão, lesão seria o mesmo que deficiência.

E assim, devemos desconstruir esse pensamento hegemônico de uma corporeidade anormal. Tendo em vista o documentário *Crip Camp: Revolução pela Inclusão*, que concorreu ao Oscar 2021, à convivência entre jovens com deficiências (tantos os com lesões físicas, quanto os com lesões psíquicas, mentais e sensoriais) num acampamento hippie para pessoas com deficiências dos anos 50, proporciona uma experiência de normalidade a aqueles jovens. Pessoas com deficiências que costumam ter uma vida solitária começaram a entender que quem os apontava como pessoas com deficiências eram as pessoas sem deficiências, num contexto possivelmente considerado anormal. Dentro do acampamento, a liberdade reinava, sem hierarquia de corpos, onde eles experimentaram ser os protagonistas das suas histórias. Coisas simples como praticar esportes, fazer música ou até mesmo namorar se tornava possível para os campistas. Depois da experiência no acampamento, os campistas estavam cientes de si e da causa da deficiência como um fator social, e a partir disso alguns campistas se juntam à luta por direitos, criando o movimento deficiente.

Pensando hipoteticamente sobre a deficiência, quando os tidos como deficientes vivem em uma microsociedade e de repente uma sem deficiência se faz presente, ele é tido

como o “anormal”: ele não se encaixa nessa micro sociedade. Por exemplo: uma comunidade de surdos, onde todos falam em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e que perante uma sociedade falante seriam tidos como diferentes, uma pessoa falante não conseguiria se comunicar da mesma forma que os surdos, seria ele então uma pessoa com deficiência. Por isso, a deficiência é um fenômeno social.

A deficiência é uma opressão social que estigmatiza e estereotipa em excesso o corpo deficiente e que produz carência, sentimento de pena, indiferença, pesar e muitas vezes até mesmo nojo, por parte do opressor, o notoriamente não deficiente. Desqualificando a possibilidade de ser igual como ser humano, mas de um modo diferente de ser. Essa desqualificação do diferente, já ocorre em outros âmbitos sociais, como nas opressões de gênero, raça, classe e geração, por exemplo, mas de uma forma um pouco diferente, porque apesar desses corpos também marcados por opressões, são corpos fisicamente tidos como normais, deste modo a deficiência se expressa de forma diferente e possivelmente mais cruel, porque ela invalida o corpo tido como deficiente de normalidade e humanidade.

Apesar na categoria de análise social “deficiência” servir como um marcador social da diferença para tantas pessoas diferentes, aqui falo de diferentes lesões e logo de diferentes deficiências, como por exemplo, surdos, paraplégicos, cegos e pessoas com nanismo. O mesmo nome é dado a diferentes formas da mesma opressão, que talvez fosse necessário renomear a opressão criando subcategorias, pois o grupo das pessoas com deficiências se encontra de forma extremamente heterogênea e diferente. Sendo sempre o corpo mais perto do "normal", o menos afetado pelas opressões de deficiência.

Quando falo de diferentes deficiências, não proponho a separação da categoria social, mas sim de especificar cada opressão, porque a forma como uma pessoa surda enfrenta a deficiência como opressão social, não é a mesma que uma pessoa tetraplégica.

Entre a normalidade e a anormalidade, existem diversos fatores que os diferem que não é necessariamente a patologia, o que difere um do outro é principalmente a diferença. A diversidade não é doença. A diferença estética, de um corpo padrão grego, tido como perfeito, e um padrão normativo de viver, que define o corpo anormal. Estar doente é normal desse modo considerar patologias como algo anormal seria relativo. É necessário da mesma forma deixar explícito que apesar de doença/patologia e deficiência não implicar necessariamente uma coisa na outra, uma doença pode acarretar numa deficiência. “Assim, na perspectiva antropológica a manifestação de deficiências e doenças deve ser interpretada no contexto sócio-cultural.” (MELLO, 2009).

Se pensarmos no que é normal e natural e quais são os seus respectivos significados, podemos encontrar no dicionário(OXFORD, 2018.):

Conforme a norma, a regra; regular. Que é usual, comum; natural.
Que pertence ou se refere à natureza. Regido pelas leis da natureza; provocado pela natureza.

Mas ao colocarmos essas definições em pessoas e na sociedade de um modo geral, a etimologia não serve ao propósito da palavra, isto porque essa normalidade é uma invenção de uma maioria que impôs seu tipo de corpo ao mundo como sendo o corpo padrão e que deve ser espelhado e desejado.

Se o corpo, seja ele qual for, sendo início e fim de si mesmo, não for natural por ser o que ele é nada o fará ser. Pois o corpo deveria ser a própria natureza, desse modo não há natural ou não natural, só há corpos.

A normalização dos corpos também se dá pela biopolítica, uma forma de controle social dos corpos, pela relação de poder. Aqui me refiro a todos os tipos de corpos, já que eles são gerenciados de formas diferentes, mas principalmente do corpo deficiente, já que ele é um corpo abjeto e muito mais marcado que o corpo tido como padrão. Aquilo que “transforma o saber-poder em um agente de transformação da vida humana, por meio da administração e controle de corpos” (MELLO, 2009).

Diante disso, a partir do conceito de norma, os estudos crip se baseiam principalmente nas deficiências e das pessoas com deficiências, mas também se torna necessário o estudo dos corpos normalizados e na própria construção da normalidade, pois o que determina um corpo como deficiente é em como a normalidade em comparação ao corpo diferente cria o “problema” da pessoa com deficiência, uma construção social a partir da normalização de corpos, através de capacidades físicas-sensoriais-cognitivas.

CADA CORPO É DIFERENTE E ESTÁ TUDO BEM!

A teoria crip vem numa perspectiva antinormalizante analisar a deficiência como um marcador social de opressão, desfazendo uma hierarquia social, onde corpos normais estão acima de corpos deficientes. Nas palavras de McRuer (2006, p. 33): “como corpos e deficiências foram concebidos e materializados em vários locais culturais, e como podem ser entendidos e imaginados como formas de resistência à homogeneização cultural”. Ela traz em si o conceito de corponormatividade, que seria justamente a aplicação da norma padrão a um

corpo, o que seria um corpo tido como perfeito (masculino, heterossexual, casado, branco, classe alta, cristão, capaz) logo o corpo deficiente não encaixa nessa norma.

A etimologia da palavra crip segundo McRuer:

A palavra crip é diminutivo de cripple, que pode ser traduzida como aleijado(a), defeituoso(a) e tem sido pensada de maneira geral e estratégica, por partes da comunidade deficiente ativista, como uma tentativa de romper com definições estanques e objetivas que categorizam e especificam, perante uma norma pré-estabelecida, corpos, deficiências e comportamentos (MCRUER, 2006, p. 34).

A retomada da palavra aleijado ou crip foi essencial para as pessoas com deficiências, pois assim, eles poderiam reescrever sua história, ressignificar e ressentir a palavra, tirando todo o peso e negatividade da palavra e se empoderando de ser deficiente.

Através do capacitismo surge um termo “eficiência compulsória”, que remete a heterossexualidade compulsória, e que vem no mesmo sentido, propondo um nível de eficiência necessário para ser considerada normal, a eficiência que um corpo deveria ter, considerando aquelas que são pessoas com deficiências como literalmente não eficientes ou não eficientes suficiente, caracterizando a realidade como se fosse ontológica e não uma epistemologia hegemônica. Sempre pensando no fenômeno do corpo, se questionando que corpo é normal e o porquê, se cada corpo é diferente, se o corpo muda a todo tempo.

A partir do movimento social deficiente, se tornou necessário os estudos sobre deficiências em outras áreas de conhecimento que não fossem a biomedicina, dessa forma, sociólogos e filósofos começaram a estudar sobre o fenômeno social da deficiência, e assim surgiu a teoria crip.

A teoria crip pensa a deficiência como um modo de viver diferente do de pessoas que não tem necessidade de acessibilidade, tirando a anormalidade do corpo, e a colocando como um problema social. Diferente do sentido literal da palavra, relação de eficiência x deficiência, as pessoas com deficiências não se veem de forma defeituosa e não são. A deficiência é aquilo que é apontado como algo anormal por pessoas sem deficiências, acontecimento social. A lesão corporal em si, é o que muito provavelmente se deu ao acaso, não de uma perspectiva de azar, apenas é o que é sem denotar uma carga negativa, assim como pessoas normalizadas são o que são, porque são.

QUEER, CRIP OU E.T.? DEFINITIVAMENTE ANORMAL

Diria que existem enormes similaridades entre as teorias crip e queer, uma vez que ambas trabalham também com normalização, obviamente de formas diferentes, mas ao mesmo tempo conversa sobre o mesmo corpo normalizado, um sobre o corpo físico tido como ideal, padrão e a outra de um corpo sexuado e generalizado, a partir de uma norma padrão heterossexual. A cultura da teoria queer em prática propõe uma empatia que seria necessária na reinserção social de pessoas lesionadas, pois ela é heterogênea, o que causa uma resistência a normatividade hegemônica e a recriarem outras normas que possam vir a ocupar o lugar norma atual. As queer são pessoas que não são dominantes e nem mesmo dominadas, um conjunto de pessoas que não se encaixam, pessoas queer sofrem de diferentes opressões, mas ainda assim são unidas e tem sensibilidade a opressão do outro, dessa forma seria muito interessante agregar as pessoas com deficiências a categoria queer.

Ambas fogem dessa norma e propõem uma nova forma de pensar esses corpos. A própria epistemologia das palavras crip e queer, implica numa concordância em termos de pessoas anormais. Exemplificando Gavério e Oliveira:

Por um lado, a proposta queer é pensar que a normalidade, nesse caso a heterossexualidade, se torna compulsória ao ser colocada como uma aparente escolha individual em que o contraponto em não ‘escolhe-la’ é ser ‘anormal, desviante’, homossexual. Por outro, a normalidade focalizada no debate crítico sobre deficiência refere-se à naturalidade e neutralidade com que o corpo ‘não-deficiente’ (able body) é posicionado. Em resumo, ambos movimentos teórico-políticos estão preocupados em articular críticas às supostas naturalidades da normalidade que acabam a configurando como compulsória, como uma não escolha.(GAVÉRIO; OLIVEIRA, 2015, p. 8).

O corpo cego LGBT + é um corpo anormal a todas as normas, pois ele é deficiente e sexualmente desviante, por isso é essencial trazer as teorias queer e crip neste trabalho, pois nenhuma delas sozinha e isolada daria conta desse corpo extremamente anormal. Se pensarmos em atividade/passividade, a pessoa com deficiência se encontra num eixo tido como feminino, onde a deficiência se encontra passiva. Por isso, a teoria feminista se encaixa tanto quando se intersecciona com a deficiente: é uma experiência marcada por processos de gênero, que reforçam se mutuamente. A masculinidade hegemônica é geradora de deficiências, uma vez que comete homens a se colocarem em situações de risco e violência. Conforme Mello e Nuernberg:

Ainda, consideramos que a deficiência remonta à performatividade queer, posto que o corpo deficiente também se enquadra dentro de um sistema de classificação e produção de sujeitos, em que o padrão de normalidade é inventado no marco das relações de assimetria e de desigualdade. Nesse sentido, os corpos deficientes também são considerados corpos queer, fazem parte do rol das corporeidades abjetas que ferem a ordem social e demarcam a linha proibida entre o sagrado e o profano. (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 644).

O fenômeno da deficiência, então, deturpa o conceito e a idealização de uma corporeidade padrão, que o pensamento hegemônico tem tão fortemente arraigado. A teoria crip vem então determinar os estudos da deficiência como não apenas uma categoria de identidade categórica, mas também como posição política e epistemológica. A teoria queer vem determinar que o capacitismo é uma opressão violenta de cunho de discriminação interseccional.

Apesar de se completarem genuinamente e de forma eficaz, a teoria queer não vem a pensar em corpos deficientes ou que fogem à norma do corpo padrão, a corponormatividade. Em relação à corponormatividade e deficiência, podemos fazer uma relação de um corpo normalizado versus um corpo deficiente, tendo níveis de normalidade até a deficiência. Os corpos com deficiências pouco visíveis como surdez, cegos sem atrofia do globo ocular, pessoas mudas, tem maior passabilidade de um corpo normalizado, já as pessoas com deficiências com amputação total de membros, tetraplégicos, nanismo ou pessoas com paralisia cerebral, são fortemente marcados pela deficiência, e por terem corpos tidos como anormais, desse modo existe uma hierarquia de corpos abjetos, sendo a deficiência intelectual o mais abjeto, Mello, Nuernberg e Block dizem:

Em uma perspectiva antropológica, quanto mais “desviante” e “deformado” um corpo, mais nojo, repulsa ou fascínio os “normais” sentem desse corpo e, da sexualidade dissidente deste, evidenciando uma situação peculiar de vulnerabilidade por condição de deficiência que, por sua vez, quando cruzada com as assimetrias de poder presentes nas relações de gênero, etnia, classe, idade, sexualidade etc., potencializa o aparecimento de outras formas de violência e desigualdade contra pessoas com deficiência. (MELLO; NUERNBERG; BLOCKG, 2014, p. 111).

Dessa forma, as pessoas normalizadas reproduzem a corponormatividade através de uma comparação de corpos, sendo o corpo deficiente um corpo que é irreversível, carente de cura, que não pode existir, mas que existe para sempre, e é inapagável. Uma pane no sistema.

A teoria queer vem a analisar sexo, sexualidade e principalmente gênero, mas se tratando de corpos deficientes, surge uma lacuna. O corpo deficiente nunca foi alvo de desejo, ou sequer foi considerado sexuado, uma vez que ele é invalidado de toda e qualquer normalidade, incluindo o sexo e o prazer sexual. Sendo apenas desejadas no âmbito do fetiche, no caso, pessoas que sentem prazer em corpos tido como estranhos.

É necessário também propor uma análise a teoria queer no que se refere a pessoas que produzem essa teoria, no âmbito racial. A teoria queer vem sendo produzida principalmente por pessoas brancas e nos países do norte do planeta, dessa forma não atribuindo justamente à raça e o capacitismo na teoria queer, concomitante Ávila:

É crucial, portanto, deixar explícito aqui que a dinâmica que Patricia Hill Collins denominou “matriz de dominação”, composta pelo sexismo, racismo, heterossexismo e classismo, é constituída também, e fundamentalmente, pelo capacitismo, que, conforme outros autores já argumentaram com consistência, ancora todos os sistemas interdependentes e interconstitutivos de exclusão. (ÁVILA, 2013, p. 133,134).

Em parâmetros contra hegemônicos, se faz necessário repensar as teorias acadêmicas incluindo a perspectiva capacitista não a colocando exclusivamente como problema da pessoa com deficiência. Uma vez que:

O capacitismo é uma ideologia universalista capaz de criar e manter a abjeção, e, por meio dela, estimular a hostilidade horizontal entre os diversos eixos de resistência a exclusão – e, ainda assim, dissimular como ganho a perda do potencial anticapitista das coalizões. (ÁVILA, 2013, p. 137).

Criar hierarquias de opressão, classificando gênero, raça e classe, em primeiro lugar seria como, priorizar em si mesmo determinadas categorias sociais, se queremos equidade (em todos os sentidos sociais) devemos levar em consideração todo tipo de opressão que afeta a todos os tipos de pessoa. “Sem dúvida, cada âmbito de opressão é singular em suas especificidades históricas e geopolíticas; porém, o fato de serem singulares não os torna separáveis” (ÁVILA, 2013).

ANÁLISE

A procura por sujeitos cegos LGBTQ+ na Bahia foi de extrema dificuldade, não por existirem poucas pessoas que se encaixem nesse recorte, mas principalmente por ser um grupo marginalizado que se encontra numa bolha social que estava fora do meu alcance. Após entrar em contato com a Associação Baiana de Cegos e o Instituto de Cegos da Bahia, percebi que o preconceito está enraizado também nas instituições, pois elas também reproduzem opressões como LGBTQfobia, seria demais uma pessoa nascer ou se tornar deficiente visual e ainda assim ser LGBTQ+, uma minoria dentro de outra minoria onde praticam uma exclusão e invisibilização para com eles, desse modo percebi que não conseguiria encontrar esses sujeitos a partir dessas instituições. Assim, procurei minha rede de apoio, pedindo para amigos e colegas me assistissem nessa procura e através de um cego LGBTQ+ não congênito heterossexual, encontrei 4 pessoas para entrevistar, 3 homens gays e uma mulher lésbica, as idades variam entre 23 e 59 anos.

Porém, pela minha falta de informação na área da biomedicina cai numa armadilha do desconhecimento, cegos congênitos não são necessariamente pessoas que nasceram com cegueira total, que era o meu objetivo primórdio com esta pesquisa, mas decidi seguir em frente da mesma forma, pois percebi que existe muito material a ser analisado acerca desse tema.

Já que através das entrevistas vim a entender que nem todos eram nascidos 100% cegos, fiz questão de perguntar aos entrevistados qual doença causou a cegueira, se ela era total ou parcial e para os que se tornaram cegos, quando que isso aconteceu.

Utilizo da definição de cegueira:

A cegueira é uma deficiência visual caracterizada pela impossibilidade de apreensão de informações do mundo pela visão. Existem dois tipos de deficiência visual: cegueira e baixa visão. As duas formas mais comuns de avaliação da capacidade visual são pela acuidade (discriminação de formas) e pelo campo visual (capacidade de percepção da amplitude dos estímulos). Cego é o indivíduo com acuidade menor que 0,1 ou campo visual com menos de 20 graus. Já a baixa visão é definida por uma acuidade de 6/60 e 18/60 e/ou um campo visual entre 20 e 50 graus. (NUNES; LOMÔNACO, 2008, p. 2).

E cegueira congênita de:

“A perda da visão antes dos cinco anos de idade é chamada cegueira congênita. Já os cegos que perdem a visão a partir dessa idade são considerados cegos adventícios.” (NUNES; LOMÔNACO, 2008).

Desse modo, minha pesquisa foi feita com quatro pessoas com deficiências visuais que residem na Bahia, dois deles cegos congênitos e os outros dois cegos adventícios, atualmente todos com cegueira total.

A *Arya* tem glaucoma congênito, perdeu a visão do olho direito na adolescência e com 20 anos perdeu totalmente a visão. “o glaucoma congênito, existente no nascimento, ou antes, do nascimento; o glaucoma infantil, existente desde o nascimento até os 3 anos de vida e o glaucoma juvenil, a partir dos 3 anos até a adolescência.” (SILVA, 2016, p. 12).

O *Robb* perdeu a visão completamente aos 42 também por glaucoma, o *Bran* nasceu com cegueira total também causado por glaucoma e o *Rickon* também nasceu cego, porém, com um diagnóstico diferente, o que foi dito a seus pais, foi que a água do parto causou a cegueira. Um motivo um tanto quanto estranho, mas que pela minha falta de conhecimentos biológicos e medicinais, não tenho precisão técnica para falar sobre isso.

Optei por escrever um questionário semiestruturado (que se encontra nos Anexos desse documento) para guiar as entrevistas, mesmo sabendo que eu poderia fugir daquele roteiro, as entrevistas foram individuais e com média prevista de pelo menos 30 minutos, mas elas variaram de tempo, algumas renderam mais diálogos que outras e por ser algo muito íntimo e particular, foi combinado a exclusão dos nomes dos sujeitos entrevistados. Já que estava lidando com cegos, e por estarmos em plena pandemia, os encontros foram online e as assinaturas dos termos de consentimento foram feitas por via oral, que as tenho gravadas em áudio.

As entrevistas começam numa conversa mais informal, todos se apresentando, para entender melhor cada individualidade e a partir disso surge a primeira pergunta: Você se identifica com o gênero que foi determinado a você quando você nasceu?

Faço essa pergunta para entender se os sujeitos entrevistados têm consciência de gênero e como se identificam, um marcador social de extrema importância para a análise teórica e subjetiva. A *Arya* e o *Robb* demonstraram conhecimento sobre gênero, respondendo com segurança que sim, eles eram cisgênero e os *entrevistados Bran e Rickon* ambos não entenderam a pergunta, precisei mudar um pouco a abordagem da pergunta para que eles entendessem e depois disso eles afirmaram que, sim, também eram pessoas cisgênero.

A segunda pergunta: *Você sente atração sexual por outras pessoas?* Vem numa perspectiva de entender se a pessoa se expressa sexualmente, tendo em vista a identidade

sexual Assexual. Os *entrevistados Arya, Robb e Bran*, responderam curtamente com um sim, mas o Rickon não entendeu a pergunta e respondeu da seguinte forma: “Rapaz... Não, não... Já fiquei com meninas... Já cheguei a namorar, já cheguei a... Como que se fala... Ter uma vida é... a dois enfim, sem preconceito nenhum né? Desde o momento, sabendo explicar que eu não curto mulheres, mas graças a deus foi tudo conversado e expliquei a ela: não é o meu forte. Mas se você quer...”

Percebi o desconforto em falar sobre o seu passado, onde praticava outros tipos de expressão sexual e que mais a frente eu viria a entender que essa é uma prática ainda mais comum para pessoas com deficiências visuais. Perceber-se gay e decidir praticar sua sexualidade da forma que ela é no caso dos LGBT+ se torna uma coisa muito complexa, pelo fato de carregar ainda mais um marcador social de opressão, a liberdade sexual geralmente só é encontrada em idade posterior. Dando sequência, a pergunta seguinte vem na mesma linha para entender melhor a sexualidade dos meus entrevistados e entrevistada: *Qual é sua orientação sexual?*

E, pela primeira vez, recebi respostas diversas, numa pergunta que eu achava que não cabiam respostas tão diferentes. A *Arya* foi a mais direta e disse: Lésbica. O *Robb* disse: É... Eu gosto de pessoas do mesmo sexo que eu, pessoas do sexo masculino. O *Bran* disse: ... *Huuuum... Qual minha orientação?? Rapaz... O certo seria Homo né?! E por último o Rickon disse: Hoje em dia, eu sou gay.*

O *Robb* fala que gosta de pessoas do sexo masculino, demonstrando que sexo para ele é gênero de modo normativo, ou seja, sexo = pênis = homem, se relacionando unicamente com homens cisgênero. O *Bran* sentiu dificuldade em dizer que é um homem gay, mas percebi que essa dificuldade se deu por conta de ter outras pessoas no ambiente onde ele estava respondendo as perguntas da entrevista. E o quarto, por ter relatado a experiência dele com mulheres no passado, deixa explícito que atualmente ele é um homem que se relaciona exclusivamente com homens.

A quarta pergunta: *Quando e como você identificou sua sexualidade?* Trouxe essa pergunta para entender que momento que eles romperam com a heterossexualidade compulsória. E a primeira entrevistada diz que percebeu já na adolescência, sentindo atrações por meninas, mas que sempre reprimiu a sexualidade dela, por pertencer a uma família conservadora e principalmente por ter um pai muito conservador e que apenas com 30 anos que veio a se identificar como lésbica. O segundo entrevistado conta que: “Eu acho que eu identifiquei minha sexualidade, apesar de que quando eu era criança é... Eu já sofria bullying das pessoas, dos coleguinhas da escola, até então eu não tinha essa compreensão. Eu via que

as pessoas comentavam, pelos meus trejeitos, minha forma de ser... As pessoas já comentavam, mas eu não tinha essa compreensão, eu só vim a despertar isso na fase da puberdade né, que a gente realmente desperta pra vida sexual.” Uma história que se repete na vivência de uma pessoa gay, a falta de correspondência com o que se é esperado(masculinidade heterossexual padrão) que vem a machucar crianças fora da norma.

Já o terceiro diz que descobriu aos 10 anos, através de brincadeiras de esconde-esconde, pelo tom de voz percebo que ele se diverte ao me contar, chego até a mesmo considerar que ele estaria brincando comigo, mas entendo que mais uma vez crianças são seres sexuados e que o contexto histórico o permitiu ter mais liberdade, o *Bran* é o mais novo do grupo de entrevistados. O *Rickon* também diz ter percebido sua sexualidade na adolescência, mas que apenas aos 20 anos começou a ter uma vida sexual ativa.

Essas perguntas foram do primeiro bloco, para traçar um perfil pessoal dos entrevistados, e as perguntas que vem a seguir são principalmente para entender o subjetivo delas. Então: *Agora eu quero saber o que te atrai em outra pessoa?*

Os *entrevistados Arya e Robb* tiveram respostas muito similares, ambos já enxergaram e descrevem que antes se atraíam pelo que viam, mas que depois da perda total da visão eles começaram a procurar detalhes nas pessoas, em como essa pessoa os tratava, se eles se sentiam bem perto de determinada pessoa. Já o *Bran*, diz que muita coisa o atrai, mas ele cita com ênfase o carinho, a conversa, e se a pessoa é asseada. O que me chamou muito atenção, porque nenhum dos entrevistados falou especificamente de limpeza ou higiene pessoal, o que me fez pensar que talvez o desejo do *Bran* esteja relacionado também ao sentido do olfato e diferente de Arya e Robb, ele fala sobre carinho, o afeto importa mais a ele.

E, por último, temos o *Rickon* que parece não saber o que responder e diz que o caráter é o que atrai ele, “a perfeição dela, o jeito dela, a moral dela” uma resposta um tanto intrigante, uma vez que o conceito de perfeição é irreal e utópico, ele acredita numa pessoa ideal, um pensamento um tanto quanto romântico, mas que simultaneamente me faz questionar, que perfeição seria essa? Uma vez que há a ausência de visão, certamente estamos falando de perfeições diferentes se comparada a perfeição dos videntes, carregada de padrões estéticos de beleza. Para entender como que o flerte acontece entre pessoas com deficiências visuais eu pergunto: Quando você está interessada em alguém você expressa isso a ela? Se sim, de que forma?

Obtive as seguintes respostas:

Arya: Bom... É... Eu sou um pouco mais é... vamos dizer assim... Observadora, detalhista e cautelosa em relação a isso. Não porque não gosto, mas eu acho que sentimento

é uma coisa muito seria e a gente que é visual é muito difícil de encontrar alguém que também se interesse por outra e que não tenha outros preconceitos ou por exemplo de ser visual ou de ser mulher, lésbica, entendeu? Sendo uma pessoa normal entre aspas, que enxerga, isso é muito mais difícil de acontecer. Isso acontece mais entre pessoas que também tem problemas de visão ou outra deficiência, é raro acontecer com pessoas que enxergam, mas quando eu me interesse por alguém geralmente eu observo muito o jeito da pessoa, eu gosto muito de pessoas que são inteligentes que gostem de ser pessoas ativas, pessoas que gostem de fazer coisas parecidas com as coisas que eu faço, que é: estudar, buscar conhecimento, pessoas que são engajadas em algum tipo de entidade coisas ligadas a pessoas com deficiências ou não, mas geralmente são essas coisas que me atraem, pessoas que gostam de arte, de música, de filmes, geralmente coisas em comum.

Robb: Quando eu tô interessado em alguém existe uma barreira porque a questão da deficiência de não é... Enxergar... Então é um processo, eu tenho que me aproximar mais da pessoa, perguntar a respeito daquela pessoa, é um processo para que realmente aconteça. Essa questão de você gostar de alguém no início é uma energia né? A partir dessa energia, rola uma aproximação e acontece. Mas depois da minha deficiência ficou pior, porque você não consegue enxergar, quando a pessoa te olha, porque no olhar as pessoas conhecem quando alguém está afim, um piscar de olhos e outras coisas. Então existe essa barreira.

Bran: Eu expresso... Porque muita das vezes pra gente que não enxerga ou a gente se expressa ou a gente fica na mão porque pra quem enxerga a expressão é olhares, é gestos, e pra gente, se a gente não fala, não expressa de um jeito ou de outro, não dá a entender a aquela pessoa, ela nunca vai saber, a não ser que a outra pessoa também esteja a fim. E as formas que a gente se expressaria seria conversando, falando ou dando uma indireta, um toque...

Rickon: Na verdade tipo... Eu não demonstro, eu tento ver até como que eu posso explicar... Eu observo o querer dela, porque hoje em dia, nos tempos de hoje as pessoas não estão levando um relacionamento muito a sério. Então logo no início assim de cara quando uma pessoa se aproxima, eu vou levando, conversando, mas não tentando demonstrar que eu também tô assim, que a gente não sabe o que ela tá querendo.

Arya, Robb e Rickon agem de modo parecido ao ter interesse por outra pessoa, eles tendem a observar, tentam ter certeza de que serão correspondidos, identifico isso como uma forma de valorização de relações, e um medo de serem rejeitados. Bom trazer foco ao que foi

dito pela *Arya* onde acredito haver muito trauma, onde o não demonstrar interesse antes de observar se traduz com demonstro interesse e há rejeição.

O *Rickon* ainda traz uma coisa a mais, ele entende que o afeto deve ser diretamente um relacionamento e ainda aponta que as pessoas de hoje não estão querendo esse relacionamento padrão monogâmico, que pode ser interpretado também como uma educação baseada nesses princípios cristãos, de família como unidade e condenando todo o resto, ainda mais quando se aplica sexualidade tida como anormal e promíscua, talvez uma luta interna muito grande entre desejo x prazer x asco. O *Bran* veio de contramão, pela experiência dele, ele é recompensado quando diz o que quer a quem quer ou então a vida continua, ele sabe lidar bem com a rejeição e sabe dialogar com quem se atrai.

Nesta parte quero entender melhor as experiências vividas por cada um e se se assemelham as práticas dos videntes e pergunto: Você já namorou? Se sim, quantos parceiras ou parceiros tiveram?

Arya: Nesse momento, estou namorando. Eu já tive dois relacionamentos mais sérios. Já fui casada, morei 3 anos e meio com ela, mas como eu fui a primeira mulher da vida dela, e ela não entendia muito bem o que era estar com uma mulher e ter se relacionado com homens há tanto tempo então acabou não dando muito certo por esse fator.

Robb: Já, namorei sim. Já namorei não. Namoro! Aaaaah... Agora você me pegou viu?! Porque eu perdi as contas... Apesar de que eu não sou uma pessoa promíscua, agora eu já tenho 59 anos, já namorei demais, já peguei diversas pessoas, porque foram poucas pessoas que eu tive um caso. Assim de passar anos. Acho que tive uns dois casos assim, mas que também não deram certo. Bran: Sim... Rapaz... Parceiros, deixa eu ver, vamos se dizer que 2. Rickon: Já, já. 2.

Logo, notei que todos os entrevistados têm uma vida sexual igual aos videntes e que tendem a ter relacionamentos sérios, sinto que a falta de acessibilidade faz com que até mesmo o flerte se torne mais difícil, sendo assim a procura por um relacionamento algo mais constante e comum, flertar com várias pessoas e praticar uma vida sexual com diversos parceiros talvez seja uma tarefa árdua demais, ou simplesmente não os interesse. O relato de *Arya* me intriga, ela parece acreditar num motivo externo para o fim do relacionamento, lugar de fala “superior”.

Depois dessa pergunta, tento criar um perfil de pessoas que eles se atraem, perguntando sobre como eram/são as pessoas que eles namoraram ou namoram, principalmente sobre sexo, gênero, raça e classe. Obtive respostas muito similares, todos

namoraram e/ou namoraram pessoas negras e brancas, todas de classe social média ou baixa, todos cisgênero e do mesmo sexo. Uma única resposta se destacou:

Robb: “Eram homens, geralmente na maioria negros, né? Negros não com a pele retinta na verdade, um negro assim de pele clara. Não que eu tenha preconceito assim, não! Mas não rolava um clima mesmo, sabe... Apesar de dizerem que eu sou uma pessoa negra, eu sempre peguei pessoas bem mais claras que eu, também nunca fui por causa de preconceito, mas brancos foram poucos, eu tenho mais uma simpatia, porque a gente tem uma simpatia, às vezes as pessoas pensam que é preconceito, mas não é não. Eu acho que se você gostar dizemos assim de uma cor branco ou azul é uma diversidade que temos que respeitar né?! Independente de preconceito, é uma preferência.”

Um discurso um tanto quanto problemático, por ser um negro de tom de pele clara, ele não se reconhece como negro e ainda diz ter uma preferência por homens também de pele clara, justificando como se fosse uma questão de gosto e diversidade, sem ter consciência que essa posição que ele diz ter muito provavelmente foi construída socialmente; um racismo não reconhecido por ele mesmo. Ele foi o único que demonstrou interesse específico por um tipo de pessoa (homens negros de pele clara), essa análise faz ainda mais sentido sabendo que ele dentre todos entrevistados foi o que se tornou cego mais tarde e que pelo sentido visão ter tanta referência na sua vida, ele ainda tem apego a senso estético e padrão de beleza.

Dentre todos entrevistados, o relacionamento mais duradouro foi de 12 anos e a menor de 2 anos, mas a maioria tem uma média de tempo de 2/3 anos, uma média de tempo similar a dos relacionamentos de pessoas videntes. É necessário saber como eles conheceram as suas ex-parceiras e seus parceiros atuais para saber se a experiência de flerte é diferente a como a dos videntes, onde acontece e de que forma, para ajudar na compreensão do entendimento de como os desejos dos cegos LGBTQ+ se expressa, ou seja, como eles se sentem atraídos primeiramente. As respostas:

Arya: Olha... Foi através de rede social. A primeira de bate papo por telefone, que existia na época, que era salas que tinha e juntava um grupinho na sala e a gente conversava pra se conhecer e como nessa época visual que tinha mais, mas acho que só era eu e ela mesmo, então aqueles que são parecidos se reconhecem né? E a outra foi através de um grupo que tinha na época pelo whatsapp de LGBTQ, até então era LGBTQ né? A gente se conheceu e acabamos marcando de se encontrar, a gente se encontrou em Salvador numa festa de um amigo em comum e acabamos começamos a namorar e depois ela me chamou pra morar com ela.

Robb: Em diversas situações. O último mesmo que eu tive, eu o conheci na empresa em que eu trabalhava. Ele foi fazer uma prestação de serviço na empresa que eu trabalhava, rolou um clima, eu dei meu número pra ele e depois ele me ligou, me procurou e eu sei que ficamos 12 anos. Outros eu conheci assim... Peguetes né, boate, barzinho, vizinho também.

Bran: Redes sociais e a outra foi pessoalmente mesmo. Se eu não me engano uma foi na barra. Rickon: A gente estudava na mesma escola. O Robb apesar de ter uma idade maior ele parece querer se rejuvenescer, utiliza de gírias e demonstra que está bem vivo, a fala dele me lembra que ele já teve uma boa visão quando ele fala que frequentava baladas, não porque pessoas com deficiências visuais não possam frequentar esse tipo de espaço, mas sim porque seria um cenário caótico, música altíssima e muitas pessoas num espaço pequeno, não estou acostumado a ver pessoas cegas nesses espaços.

As redes sociais parecem ter grande espaço no que concerne o flerte, de fácil acesso e de grande comunicação, eles interagem e se conectam, mas os encontros pessoais também são uma possibilidade válida, então a rotina de flerte é extremamente parecida com a dos videntes, se houvesse mais acessibilidade diria que poderia ser ainda mais similar.

Nesta parte final do bloco de perguntas, quis questioná-los acerca dessas pessoas, mas na perspectiva de identificar se eles tendem a procurar pessoas com deficiência também para se relacionar.

Arya: Sim. Robb: Não, eles não eram deficientes visuais não, mas eu já peguei deficiente visual também sim. Porque houve uma grande mudança na minha vida depois da perda da visão, além da pessoa sentir realmente o impacto de passar a ter uma deficiência, as dificuldades de ser uma pessoa com deficiência em uma cidade que é tão visual, que não tem realmente acessibilidade, as barreiras arquitetônicas, as barreiras atitudinais, que são as piores, que são as atitudes das pessoas, então a gente começa a ter mais dificuldade com as coisas, mas depois que me adaptei eu passei a tirar de letra, mas claro que tem aquelas pessoas que não querem ficar com um deficiente. Bran: Não... Rickon: Sim, Sim. Eu não tive muita sorte com pessoas que enxergam não.

Os entrevistados Arya e Rickon parecem ter tido experiências ruins sobre pessoas que enxergam, a ponto de evitar contato, preferem manter suas relações entre pessoas com deficiências visuais, mas penso sobre o que é ter sorte, e entendo que é sobre encontrar um vidente que tenha menos preconceito possível e que não abuse da qualidade de enxergar, o que demonstra um tanto de insegurança em relação a todos que enxergam. O Robb traz à tona o momento de transição, como se fossem duas vidas diferentes, a parte vidente e a parte não vidente, assim como a denúncia do capacitismo, que vem a limitar o acesso que ele tem a

peessoas, o preconceito e a desumanização que vem em conjunto por parte dos corpos normais, o *Robb* se mostra com maior nitidez sobre a dor da perda da visão. E por último temos o *Bran* que parece interagir de forma muito fácil com videntes. Por último, pergunto se há preferência em se relacionar com videntes ou com deficientes visuais e obtenho as seguintes respostas:

Arya: Olha eu... Não generalizando, mas não são todas as pessoas que enxerga que vê que se relacionar com alguém que tenha um tipo de deficiência ou que seja a deficiência visual, que essa pessoa vá ser encarada como uma bengala, não é, mesmo porque pessoas com deficiência visual podem ser tão competentes ou independentes quanto as pessoas que enxergam. Eu moro sozinha tenho uma vida independente, estou para começar uma faculdade agora, então eu não vejo diferença nenhuma, a única deficiência que eu tenho é a falta da visão, mas eu tenho um pensamento pra mim que nos sempre vamos estar em desvantagem com uma pessoa que enxerga, porque pessoas que enxergam podem achar com o tempo que não é vantajoso se relacionar com alguém que não enxerga e também essa pessoa está enxergando tudo, ela vê outras pessoas, ela vai se interessar por outras pessoas, ela vai conversar no celular com outras pessoas, eu falo isso porque isso aconteceu comigo, um dos fatores que levou o meu relacionamento da segunda acabar, o da primeira também na verdade, mas a gente está sempre em desvantagem com quem enxerga e sendo uma visual, a gente entende uma a outra, porque a gente tem as mesmas dificuldades e uma pode ajudar a outra, independente do tempo que dure a relação.

Robb: Não, não tenho. Eu acho que é uma questão de rolar o clima mesmo, não se a pessoa tem deficiência ou não. Bran: “Cara... Pra mim, eu Robb, não tenho isso comigo, né? Mas no mundo cegal, às vezes isso existe. Até mesmo por falta de uma pessoa vidente ou como eu posso dizer? É... Por ele se sentir mais seguro, mas no meu caso não... O que acontecer eu tô dançando.”

Rickon: Rapaz... Assim pra mim, pra mim, não são todos né, mas pra mim ainda prefiro mais com deficiência visual ou baixa visão que um enxergante total, não posso julgar como todos, porque eu praticamente não tive boas experiências, mas também não vou dizer que os outros seriam, mas como você quebra a cara umas 3, 4 vezes aí você acaba se desiludindo.

Sobre a *Arya* sinto uma ambiguidade, onde ela primeiramente defende as pessoas com deficiências, se utiliza de exemplo, se mostra uma pessoa independente, igual a quem enxerga, mas depois coloca a falta da visão como uma desvantagem, até mesmo sendo motivo para os términos de dois relacionamentos, falou bastante e fugiu da pergunta, apesar de sentir que ela também prefere pessoas com deficiência visual, tanto pelos traumas quanto por querer

se relacionar com pessoas que tenham coisas em comum com ela. Já em comparação com a *Arya* vem o *Robb*, dizer que não sente atração diferente, demonstrando que ou não tem consciência do capacitismo ou que realmente acredita que a falta da visão de nada infere no modo de se relacionar com videntes e/ou cegos.

O *Bran* não se sente inseguro, mas reconhece que há geralmente uma preferência entre as pessoas com deficiências visuais de se relacionar com outras pessoas com deficiências, para além da questão da deficiência parece haver uma grande insegurança dentre as pessoas com deficiências visuais ao se relacionar com pessoas que enxergam, a construção de um estereótipo de pessoa traidora e superior parece ser criada a partir deles mesmos, talvez pela falta da consciência estética de si e do outro, só aumente os fantasmas das relações, e sem segurança as relações não perduram.

E o *Rickon* também responde de forma segura, mas oposta ao *Bran*, pela experiência dele, se relacionar com videntes não dá certo, ele entende que foram as experiências dele e que pode haver outros de outros jeitos, mas ainda assim prefere se relacionar única e exclusivamente com pessoas com deficiências visuais. E pra finalizar a entrevista eu os pergunto se tem algo a acrescentar, um momento livre para eles dizerem o que quiserem.

Arya: Então... Quando a gente se interessa por alguém, geralmente quem enxerga passa a conhecer a pessoa de fora para dentro, nos visuais, acaba conhecendo a pessoa de dentro para fora, então estereótipo não existe, não existe feio ou bonito, se a pessoa é gorda ou magra, negra, parda ou seja o que for. O que conta pra gente é se a pessoa é inteligente ou se ela pode agregar algo a você ou se a pessoa te atrai de alguma maneira, o gostar de alguém que tem uma deficiência visual vai muito além de ser uma pessoa com deficiência visual, a gente se interessa pelo que a pessoa é, não se ela tem algum atributo ou não! Porque entra o mundo LGBTQIA+ eu já ouvi isso de várias pessoas, que as pessoas procuram muito um rostinho bonito, um corpo bonito e isso, entre nós, não existe.

Vocês que enxergam pecam nesse quesito, por isso relacionamento de quem enxerga não dura, ou pode até durar enquanto essa pessoa está atingindo aquilo que você está esperando dela, se ela está com o corpo bonito, se ela está atendendo suas expectativas, é uma pessoa destacada, uma pessoa que fala bem, mas entre nós a maioria dos visuais são pessoas inteligentes a menina que eu tô namorando agora mesmo, é muito inteligente, entende de tecnologia assistiva como ninguém. Ela tem até canal no YouTube, então isso pra mim, tem muita coisa que pra mim não tem relevância o estereótipo mesmo está nos olhos de quem vê, e a gente não precisa disso porque não estamos enxergando, eu faço as coisas pelo tato, pelo perceber, pela observação, mas essa observação ela é interna, eu não preciso do

meu olho para enxergar essa pessoa, eu vou conhece-lá tocando nela. Então, eu acho que é muito mais profundo do que você ver uma pessoa superficialmente e tirar várias conclusões sobre ela e mentalmente aquela pessoa não é aquilo que você está esperando.

Robb: Não...

Bran: Não.

Rickon: Não, praticamente é isso, entendeu? A gente, no caso da gente, a gente se identifica mais no tratar da pessoa, como se trata a pessoa, é pela... Muitas vezes é pela voz, enfim... Tem todo um gesto que faz a gente sentir atração por aquela pessoa, mesmo a gente não vendo. Mas todo gesto é bem observado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações sexuais de cegos LGBTQIA+ na Bahia se expressam de diversas formas, inclusive de maneiras mais similares a dos videntes do que poderia imaginar. Obtive respostas diversas na pesquisa o que apenas reforça a diversidade de maneiras possíveis de expressar a sexualidade, tanto no flerte, quanto nos próprios relacionamentos. Os cegos se atraem por outros sentidos, mas também principalmente por individualidades subjetivas, gostos em comum, a demonstração de afeto, cuidado e companheirismo. A necessidade de ter relações sexuais se mostra necessária, mas por conta da deficiência acaba por acontecer mais tardiamente que para os videntes, influenciado também pelo fato de serem LGBTQIA+, onde a resistência por aceitação se faz ainda mais complicada. Apesar de conhecerem a personalidade e não aparência estética, acreditei que as relações poderiam ser mais intensas e sinceras, porém as relações não são mais ou menos duradouras, mas simultaneamente são mais romantizadas, o valor estético atribuído pelo mundo vidente se torna substituído por um valor intelectual, mudando assim um pouco o paradigma, mas ainda assim preso a um sistema de opressão, onde pessoas devem reproduzir um padrão para ser desejada.

De um ponto de vista vidente, fica explícito que cegos possuem noção de padrão de beleza, mas que não tem serventia, apesar de serem afetados de outras formas pelo mesmo, os princípios cristãos estão enraizados na forma de se relacionar, monogâmicos que praticam a união com outra pessoa, pretendendo casamento e o associando a felicidade, preferem estabilidade a uma expressão sexual livre.

Cheguei à conclusão, depois da minha pesquisa, que videntes e cegos se atraem por outras pessoas de maneira diferente, a visão ou a falta dela, modifica o modo de se relacionar e de sentir desejo e logo prazer! A pesquisa apesar de trazer muita elucidação, trouxe também muitas outras questões. Precisaria presenciar espaços de convivência de pessoas com deficiências visuais, para entender melhor como essas relações se dão e se as respostas que obtive se provam exatamente verdadeiras, por esse mesmo motivo irei levar a frente esse estudo em outro momento da pós-graduação.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Instruções: Pedir para o entrevistado uma introdução curta, falando um pouco de si, qual o nome, idade e de onde que a pessoa é. Com intuito de “quebrar o gelo” deixando a entrevistada mais confortável. Em sequência perguntar se terei liberação para gravar a entrevista, deixando nítido que a entrevista será única e plenamente utilizada para fins acadêmicos, podendo não expor o nome da entrevistada, caso assim queira.

QUANTO A GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE:

1. **Contextualização:** É necessário entender quem são os entrevistados, como eles se identificam e se essa identificação condiz com as respostas obtidas. Traçar um perfil e através da comparação de resposta compreender se essas categorias de análise social influenciam nas respostas e no que realmente acontece no desejo sexual de cegos.

Você se identifica com o gênero determinado a você desde que você nasceu?

Se não, com qual gênero você se identifica?

Você sente atração sexual por outras pessoas?

Qual sua orientação sexual?

Quando e como você identificou sexualidade?

Objetivo da abordagem: Aqui o entrevistador deve buscar informações básicas, de respostas diretas, apenas para identificar o perfil do entrevistado. Informações como gênero, sexualidade, como ela entende a expressão sexual dela, e a partir da escuta ativa perceber as entrelinhas nas respostas, se o entrevistado sente desconforto ao responder, o preparando para o próximo bloco de perguntas.

QUANTO AO DESEJO E PRAZER:

2. **Contextualizando:** O desejo e conseqüentemente o prazer não se dão apenas no ato consumado do sexo. Faz-se necessário entender como funciona a atração sentida por cegos.

O que te atrai em outra pessoa?

Quando você está interessada em alguém, você expressa isso a outra pessoa? Se sim, de que forma?

Você já namorou?

Se sim, quantos parceiros teve?

Você poderia dizer como ele ou ela era? Raça, classe social, sexo e gênero.

Quanto tempo durou a relação mais longa?

Como você conheceu os/as companheiras?

Eles eram pessoas com deficiências visuais também?

Existe uma preferência por videntes ou não videntes?

Objetivo da abordagem: Deve-se explorar a relação com outras pessoas, para entender como o desejo de cegos é construído, entender o passado para entender o presente. Questionar sobre todos os aspectos, principalmente os de cunho desejável, de forma direta, mas sem induzir respostas e observar as respostas, estar sempre atento e preparado para fazer mais algumas perguntas caso não consiga extrair quantidade subjetiva de informação suficiente. Fazer explícita o que atrai sexualmente os cegos LGBTQ+. Notar principalmente se o desejo dos entrevistados se iguala ao do entrevistador, já que a pesquisa é feita na percepção dele, de vidente.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **COMO SE EXPRESSA O DESEJO SEXUAL DE CEGOS LGBT+ DA BAHIA**. Nesta pesquisa pretendemos “**ouvir sua experiência de vida em relação ao desejo**”. O motivo que nos leva a estudar “**o que atrai sexualmente pessoas com deficiências visuais congênitas, mais especificamente a definição de desejo para esse grupo de pessoas**”. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: “**realização de entrevistas **semiestruturadas** de **aproximadamente 1 hora ou mais** cada, que serão gravadas em áudio**” .

As entrevistas podem ser desconfortáveis, por tratar de algo que talvez seja íntimo a você. Mas a entrevista poderá **ser parada a qualquer momento, bastando dizer **PARA quando quiser**.**

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. No entanto, caso o(a) Sr.(a), e seu acompanhante, tenha qualquer gasto, o(a) Sr.(a) **poderá** avisar ao pesquisador, e ele te **ressarcirá**.

O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Caso o (a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento, ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo.

Bruno Hassan Santos Palmeira, Rua Barão do Triunfo, 352, Rio Vermelho. (71) 99271-9606

Também em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) busca defender os interesses dos participantes de pesquisa. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA) está localizado na Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, - Instituto de Ciências da Saúde – 4º andar, Vale do Canela. Horário de funcionamento: segunda das 13:30h

às 19:30h e de terça à sexta das 7:00h às 13:00h. Telefone: (71) 3283-8951. E-mail: cepics@ufba.br.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, rubricadas em todas as suas páginas, as quais serão assinadas, ao seu término, pelo (a) Sr.(a) ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável. Uma das vias deste termo será arquivada pelo pesquisador responsável, na **UFBA**, e a outra será fornecida ao (a) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **COMO SE EXPRESSA O DESEJO SEXUAL DE CEGOS LGBT+ DA BAHIA**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, _____ de _____ de 20.

Nome completo (participante)

Nome completo (pesquisador responsável)

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Eliana de Souza. *Capacitismo Como Queerfobia*. Tubarão - Sc: Copiart, 2014.
- BORBA, Rodrigo. *A Linguagem Importa?: Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais*. *Cadernos Pagu*, online, v. , n. 43, p.441-474, jul. 2014. Quadrimestral.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- _____. *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMERON, Deborah. Performing Gender Identity: Young men's talk and the construction of heterosexual masculinity. In.: JOHNSON, S.; MEINHOF, U. (eds.). *Language and Masculinity*. Londres, Blackwell, 1997, pp.47-64.
- CARRARA, Sérgio. MORALIDADES, RACIONALIDADES E POLÍTICAS SEXUAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. *Mana*, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 323-345, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p323>> Acesso em: 12 jun. 2021.
- CIRINO, Oscar. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. *Mental*, Barbacena, v. 5, n. 8, p.77-89, jun. 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. 2. ed. São Paulo: 34, 2011. 560 p.
- DINIZ, Débora. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. *Sérieanis*, Brasília, p.1-8, 2003.
- DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FOUCAULT, Michel. "Le sujet et le pouvoir". In: Dits et écrits, v. IV (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. O saber gay. *Ecopolítica*, São Paulo, v. , n. 11, p.2-27, abr. 2015.
- FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria: três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. 6. ed. Freiburg In Mähren: Companhia das Letras, 1901-1905.
- GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, p.3061-3070, 2016.
- GAVÉRIO, Marco Antônio; OLIVEIRA, Everton L. *A Crítica Deficiente: Alguns Posicionamentos Crip-Feministas* (2015). Anais do IV Seminário Enlaçando Sexualidades: Moralidades, Famílias e Fecundidade, no GT: Categorias e conceitos: limites do entendimento e das avaliações morais acerca da singularidade humana, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), (5\2015)
- GAVÉRIO, Marco Antônio. *Medo de um planeta aleijado?: Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade*. *Áskesis: Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, p.103-117, jan. 2015. Semestral.
- _____. "QUE CORPO DEFICIENTE É ESSE?": notas sobre corpo e deficiência nos disability studies. 2015. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - Sp, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p.1-10, maio 2001.
- _____. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

_____. *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento*. Brasília: II Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura (abeh), 2004.

_____. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 90 p.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial - ABPEE, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/30124>>.

MCRUER, Robert. *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. New York: New York University Press, 2006.

MELLO, Anahi Guedes de. *Por uma abordagem antropológica da deficiência: pessoa, corpo e subjetividade*. 2009. Disponível em: <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1260958580TCCxAnahi.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2009.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudo Feministas*, [s.l.], v. 20, n. 3, p.635-656, set./dez. 2012.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique; BLOCK, Pamela. Não é o corpo que nos discapacita, mas sim a sociedade: a interdisciplinaridade e o surgimento dos estudos sobre deficiência no Brasil e no mundo. In: SCHIMANSKI, Edina; (ORGS.), Fátima Gonçalves Cavalcante. *Pesquisa e extensão: experiências e perspectivas interdisciplinares*. Ponta Grossa, Pr: Uepg, 2014. Cap. 4. p. 91-118.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, p.150-182, 2009.

_____. Um saber insurgente ao sul do Equador. *Periódicus*, Salvador, v. 1, p.1-25, 2014.

NORDENFELT L. On disability and illness: a reply to Edwards. *Theor Med Bioeth* 1999; 20(2):181-189.

_____. On the Nature of Health: An Action-Theoretic Approach. Dordrecht: Kluwer Academic; 1995.

NUNES, Sylvia da Silveira; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. *Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento*: Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos. São Paulo: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (abrapee), 2008.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. A Lei do Desejo e o Desejo Produtivo: transgressão da ordem ou afirmação da diferença?. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, p. 109-127, 14 jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v14n1/v14n1a07.pdf>. Acesso em: 05 maio 2021.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, p. 17-44, 27 nov. 2012.

RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes, revisão de Miriam Pillar Grossi, 1994.

SILVA, Ingrid Monteiro. *Diagnóstico do Glaucoma Congênito*: revisão sistemática. 2016. 45 f. Monografia - Curso de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

TORRES, Igor; FERNANDES, Felipe. Memórias do materialismo lésbico de Monique Wittig e suas interpretações queer. In: ANDRADE, Luma. *Diversidade sexual, gênero e raça: diálogos Brasil-África*. Realize Editora: Campina Grande, 2019.

WARNER, Michael. (editor) *Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.